# Lugares primordiais com planalto e rio ao fundo

**João Habitualmente**

Textos (mais ou menos) poéticos, translucidos e transmontanos

**Eduardo Beira**

Fotografias transmontanas (mais ou menos) (ir)reais

Dezembro 2023

# NA CURVA DA ESTRADA

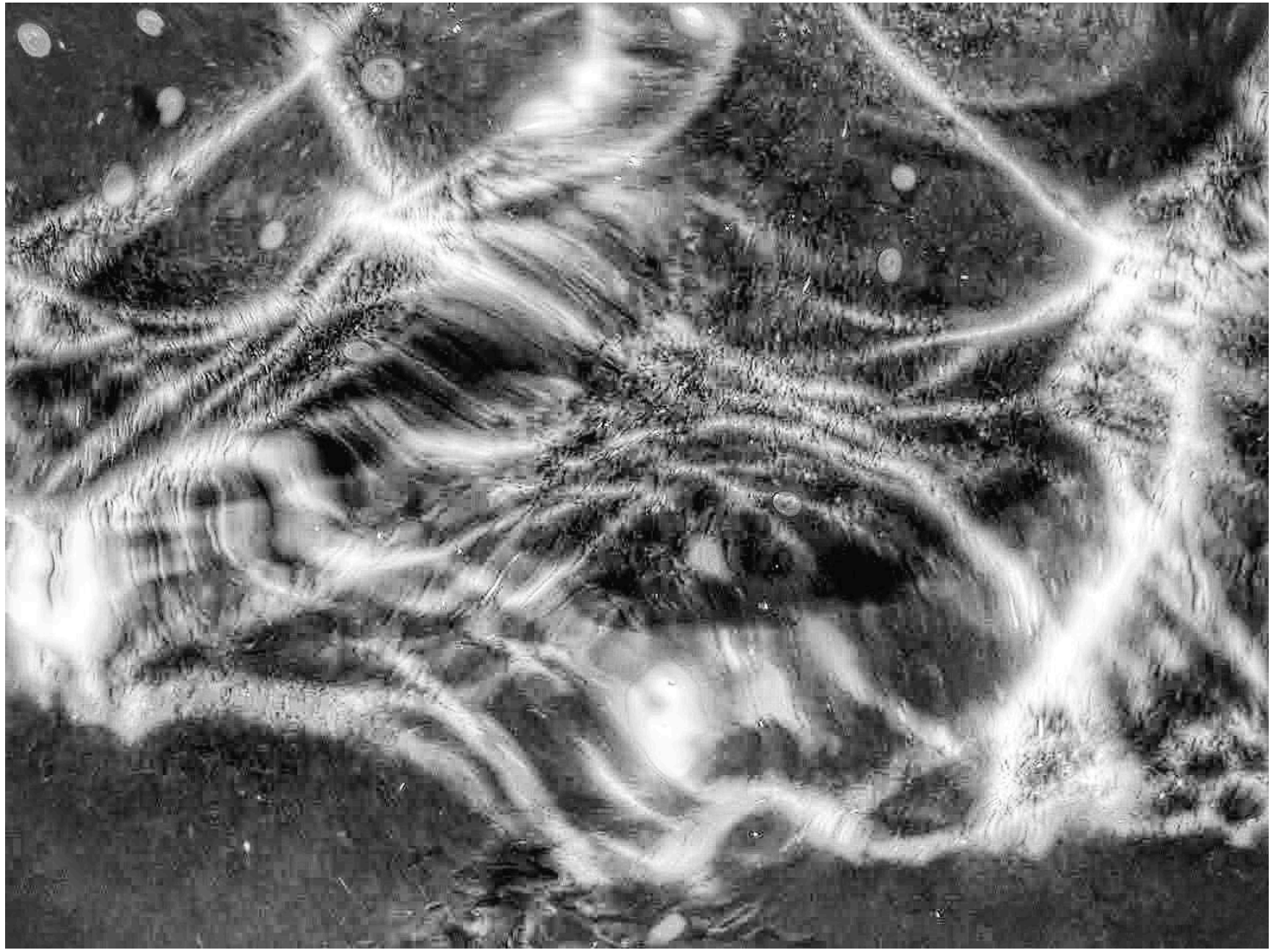
*A morte é a curva da estrada*
*Morrer é só não ser visto*

Fernando Pessoa, *A morte é a curva da estrada*

*Íamos a começar a curva. Uma curva pouco anunciada. ... Estava calor, muito calor. ... Iniciámos a subida, a montanha são curvas e contracurvas em direção ao céu.*

Íamos a começar a curva. Uma curva pouco anunciada, quando dávamos por ela já lhe estávamos no ventre. Os pneus chiaram. Estava calor, muito calor. Um calor que vem do céu, mas sobretudo da terra. Quando iniciámos a subida estava já esse calor junto ao Douro - as águas mansas prometiam alívio mas logo se desfazia a ilusão a poucos metros da margem. Iniciámos a subida, a montanha são curvas e contracurvas em direção ao céu. Subíamos e subíamos e o ar arfava, insetos elétricos enchiam-no por breves segundos, depois voltava o silêncio. E o rio ao fundo cada vez mais longe a cada curva, o rio era agora só uma fita verde, desaparecia num meandro num sítio onde o verde da montanha era castanho e o azul do céu era branco. Começámos então a curva. Era uma curva que não parecia logo tão curva, deixava-nos entrar- lhe para o bojo e só então mostrava o quanto era curva. A chiadeira dos pneus intrometeu-se na minha distração, voltei à estrada - mas já não havia estrada. Planávamos agora, vi a fita do rio em baixo, já não em baixo ao lado mas em baixo - em baixo. Planávamos. Tentei pensar, um hábito racional aprendido ao longo de muitos anos procurou um ponto de apoio para perceber o que acabava de acontecer. Mas não achei já a capacidade de pensar, desfazia-se contra a espessura quente do ar enquanto o tombo se consumava. Um tombo é para baixo, dizia-me o lado racional que agora mesmo me abandonara - porque não podia saber neste exato momento se caía para baixo ou para cima. O meu espírito era uma manta leve sobre as ondas de calor que se desprendiam do chão de uvas pronto à vindima. Por baixo dele os socalcos desciam como escada de noiva até ao Douro. Estava cá ou já estava lá? Não havia resposta, a razão estava suspensa do abismo e os sentidos extasiados do voo, um voo nem rápido nem lento, nem súbito nem a demorar, porque também o tempo ali ficara suspenso daquele instante, o tempo liquefizera-se e era arrastado lá em baixo pelas águas milenares do Douro. De modo que estava suspenso no espaço e suspenso no tempo, num nada em que existia com uma força com que nunca me tinha visto, uma existência toda, revelada de repente a si própria, elevada acima de mim, transferida do meu corpo e agora à solta num espaço sem limite nem rasgões. Onde estava eu?,

*... os socalcos desciam como escada de noiva até ao Douro.*



*... o tempo liquefizera-se e era arrastado lá em baixo pelas águas milenares do Douro.*

tentei perguntar. Mas logo a pergunta me pareceu demasiado terrena para o lugar de onde contemplava agora. E não era lugar, era voo. E não voo como o dos pássaros, que é um voo carregado pelas asas, um voo que requer mecânica e convoca o esforço. Era voo sem materialidade, um existir que subia com o calor, que deixava o vale lá em baixo como coisa pequena e ganhava altitude e imensidões adiante de si. O espírito pairava, ondeava como bandeira desfraldada ao sabor das evolações de ar quente que abrasavam as encostas. O espírito não sabia se estava cá se estava lá, não se interrogava sequer, estava apenas extasiado com o modo livre do voar sem corpo e com a paisagem que se despia como mulher diante de si.

*O espírito pairava, ondeava como bandeira desfraldada ao sabor das evolações de ar quente que abrasavam as encostas.*

*Comer peixes do rio era muito mais do que trincar o estaladiço das placas ósseas das cabeças - era a comunhão com o rio, a incorporação do seu fluir pelo vale desde o início do mundo.*

Via ao fundo os peixes do rio que acabara de comer, comera-os fritos no Saia Curta. Comera-os e ei-los agora ali, vê-os perfeitamente no leito, deslizam no interior do rio regressados a casa. Regara a refeição com o cristalino maduro branco que escorre dos socalcos agora a seus pés, via também nitidamente desenhada para a direita a curva. E o abismo. Não um abismo na vertical, não desses como nos fiordes que tornam a queda um pesadelo brusco - um abismo suave, respeitando as curvas de nível, respeitando os muros ancestrais que descem em anfiteatro até ao Douro. De modo que dali a saída em peão não nos projetou para o tombo torpe, mas para um voo em que só havia ascensão e repouso. Não houve portanto gritos, soava apenas a guitarra de Knopfler naquela repetição quase obsessiva em que a sua voz de entranhas repete *broken bones*. Ondas de calor mantinham o espírito à tona, havia uma certa confusão, estaria ainda cá?, mas logo a questão me desinteressava e sentia o esbrasear do vinho maduro e o esbrasear dos quarenta graus com que o chão se vergava ao sol a pino. Meu avô, que andara na construção da linha férrea do Tua, contava que à hora do zénite solar assavam peixes do rio em cima dos carris. Era isso na zona onde o rio Tua desemboca no Douro, não se sonhava ainda que um dia ali estivesse o Saia Curta, a linha depois sobe e enterra na montanha, entranha os seus fios de ferro através dum furo de formiga. Estávamos ainda no começo da curva. Uma curva pouco anunciada, quando demos por ela já lhe estávamos no ventre. Os pneus chiaram, agarravam-se com desespero ao alcatrão, depois já não se agarravam, depois umas ervas muito secas que viviam desoladas ali na curta faixa de gravilha olharam-nos atónitas no momento exato em que eram arrancadas - o rio é uma fita verde a nossos pés. O espírito funde-se ao calor, paira com a perfeição dos milhafres que já vejo ao longe, espiam os flancos da montanha à espera da presa desprevenida, estou à mesma altura do milhafre, nem mais para cima nem mais para baixo e muito acima e abaixo dele e de tudo em volta, o meu espírito está cá?, está ainda cá?, não está cá nem lá nem no meio disso, porque tudo agora desmaterializou e a paisagem é uma maquete que afago com o olhar. Que bom, o sem-corpo do existir - penso, e logo

duvido se isto foi pensar. Porque palpo a cabeça mas nem tenho mãos que palpem nem cabeça que pense, vejo-as lá em baixo despenhadas sobre um lajedo que desmaia com suavidade nas águas.

*... um abismo suave, respeitando as curvas de nível, respeitando os muros ancestrais que descem em anfiteatro até ao Douro*

m

*Era isso na zona onde o rio Tua desemboca no Douro*

*a linha depois sobe e enterra na montanha, entranha os seus fios de ferro através dum furo de formiga*

*... a paisagem é uma maquete que afago com o olhar.*

Os peixes do rio do Saia Curta são a união entre a sabedoria dos lodos e os milagres culinários das velhas cozinheiras de entre Douro e Tua. Assisti em criança a discussões sobre se os dum rio eram os mesmos que vogavam pelo outro, vi-os muitas vezes na estação do Tua, chegava um triciclo motorizado vindo das bandas do rio - de qual dos dois não foi dado à minha curiosidade infantil. A peixeira aproximava-se, quase não trocavam palavra, começava logo a enfiar os peixes um a um pelas guelras num vime, fazia várias cascatas dessas e exibia os pequenos cardumes enquanto gritava "Peixes do rio!". De onde haveriam de ser?, pensava para mim enquanto vigiava as malas que descarregara do comboio e esperava o taxista que nos levaria a casa. Depois vinham umas férias intermináveis, uma aldeia coagulada no meio da canícula de agosto, as sestas impostas por minha mãe, os fins de tarde cortados pelo barulho dos motores de rega que sugavam água de poços verdes. E os bois pelo meio da aldeia no regresso do pasto, refugiávamo-nos nas escadas da primeira casa que tivéssemos à mão, os animais passavam-nos rentes com as cabeças mansas a acenar que sim. Porque gingam assim as cabeças enquanto caminham?, era uma das interrogações que me ajudavam a atravessar o comprimento interminável das férias, os bois ainda hoje moram num lugar de mim onde se misturam o fascínio e o medo. E agora descemos para o rio, são do Douro ou do Tua?, nunca resolvi a questão, na infância bastava-me que eram peixes e agora basta-me que estejam fritos e saibam aos lodos, gosto dos bichos que sabem ao leito que os abriga: os anhos sabem ao curral, os camarões à aragem da maré vaza, os mexilhões ao limo da ro- cha, as perdizes ao mato rasteiro. A que pode saber um hamburger? Comer peixes do rio era muito mais do que trincar o estaladiço das placas ósseas das cabeças - era a comunhão com o rio, a incorporação do seu fluir pelo vale desde o início do mundo. Vinham numa travessa larga preenchida com batatas cozidas às metades. Noutra travessa o tomate coração-de-boi salpicado de sal grosso, no meu prato jazia já um rasto de caroços de azeitona preta e restos de côdea de centeio. "Mais vinho!", dizia alguém a meu lado. "E o galheteiro, isto está seco!" - mas não estava, era só a vontade de

protestar, um modo rude de lançar aos ares o entusiasmo com a excelência do repasto. Entravam mais clientes, havia agora uma manta espessa de vozes, alguém arrota ao fundo, gargalhadas, berros a chamar pelos empregados. "Só tem peixe? Quero carne, caralho!", dizia um vermelhusco agitando o bigode que forrava o maxilar carnívoro, o empregado diante de si fazia por não olhar, suava por pequenas gotículas que lhe luziam pela testa, de súbito dava meia volta e corria para a cozinha desviando-se com uma perícia de esquiador dos empregados que vinham em sentido contrário. Uma batalha ali desencadeada, um fragor de talheres, há já vinho pelo chão e gente à espera de mesa livre, o calor aumenta, as travessas circulam repletas de peixes do rio, rasam as nossas cabeças espalhando um cheiro intenso. Saímos, cá fora estão 40 graus, a atmosfera parada, como que a tentar passar despercebida perante a inclemência do sol. Há uma ladeira de terra batida e, ao fundo, a toalha verde do rio. No altifalante da estação uma voz fanhosa dá instruções sobre a composição que espera na linha o apito do funcionário de boné. Ruídos elétricos circulam por todo o perímetro da estação, que se fecha abruptamente dum dos lados por uma rocha cortada à faca. Entramos no automóvel, os assentos escaldam. Ligo o leitor de CD e a guitarra de Knopfler espalha-se pela cabina, ondeando com o calor de braseiro que estagnou durante o repouso do carro. Iniciamos a subida ao som dos primeiros acordes de *broken bones*.

*Depois vinham umas férias intermináveis, uma aldeia coagulada no meio da canícula de agosto, ...*

*E os bois pelo meio da aldeia no regresso do pasto, refugiávamo-nos nas escadas da primeira casa que tivéssemos à mão, os animais passavam-nos rentes com as cabeças mansas a acenar que sim.*

*Noutra travessa o tomate coração-de-boi salpicado de sal grosso ...*

*jhab custos*

*livro: 100 p.= 50 folhas a4*

*pb: 0.0092 por impressão, 0.010 cerca*

*cor: 0.098 por impressão*

*0.098-0.01=0.088 dif por folha, quase 0.1 euro por impressão*

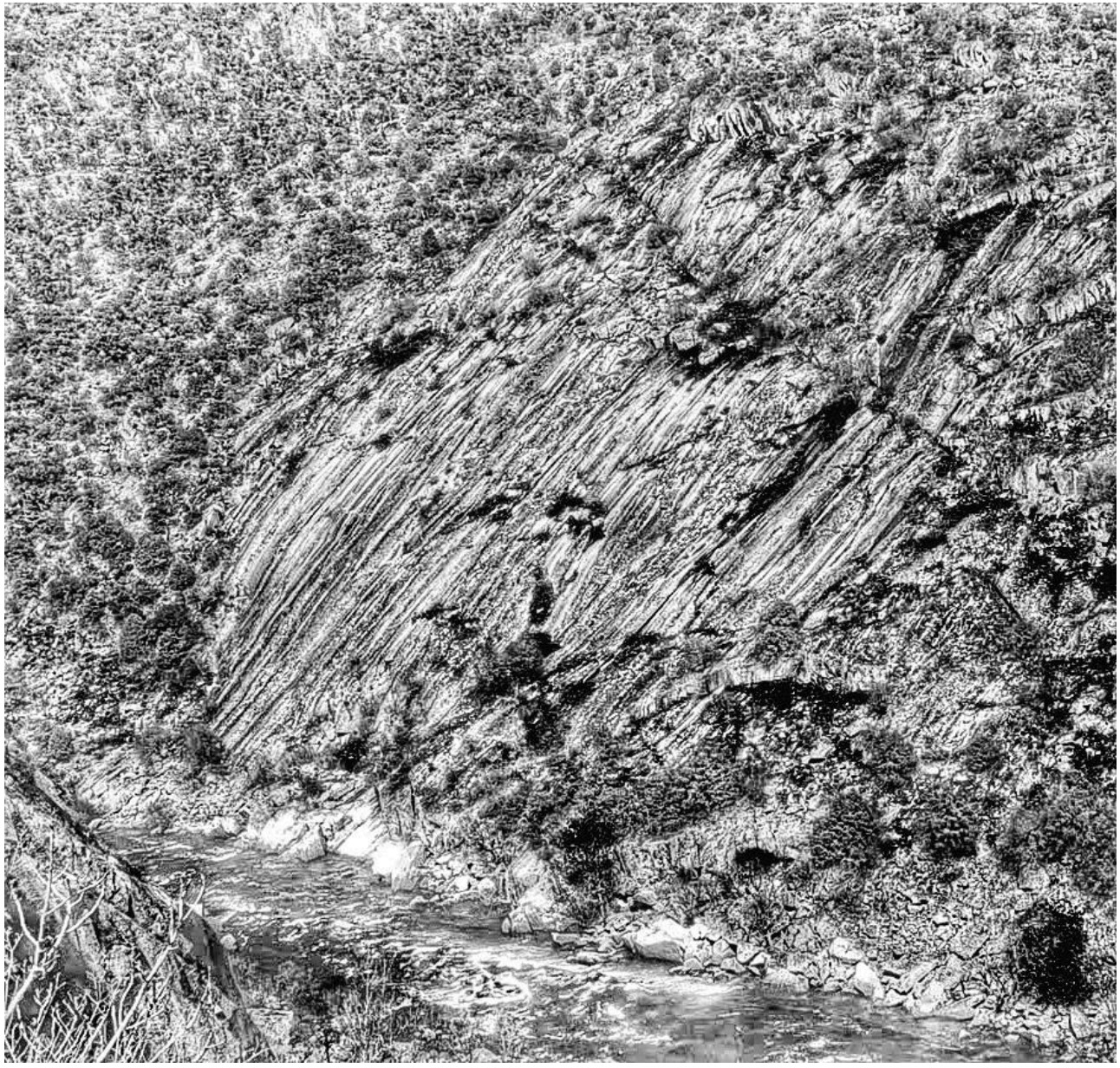
*50 folhas = 100 impressões = 10 euros por 100 pg.*

*Em vez de 15 euros atirará para os 25 euros por livro.*

*Manter a cor? Ou passar tudo para pb? Em 50 livros da 500 euros dif*

*Manter só meia duzia de fotos a cor?*

Vi com a nitidez do relâmpago o vão que se abria debaixo de mim. Vinhas em cascata, cachos já maduros douravam a folhagem de parras das cepas socalco abaixo. Ao fundo um fraguedo, uma enorme laje levemente arredondada, quase lisa, que escorregava até ao rio e mergulhava nas profundezas. Já lá estava o carro, refastelara-se no seu limite superior, cuidadosamente afastado do rio - e tomava o ar de quem se prepara para ser carcaça e deixar de se importar com o tempo. Procurei-me a bordo, mas o meu espírito logo se retirou dessa possibilidade e, num impulso poderoso, elevou-se acima do pico mais alto. Podia agora olhar todo o planalto de Carrazeda, notar as circunvoluções em descida acentuada até aos vales ressequidos pela estiagem. E todo aquele aspeto de terra enrugada que a custo consentia que lhe lavrassem oliveiras e vinha me parecia brinquedo, um ou outro automóvel deslocando-se com lentidão de aquário, uma ou outra pessoa a pé que se confundia com uma imperfeição na paisagem. O espírito subiu um pouco mais, elevado pelo entusiasmo. E era agora já a cova rasgada por onde serpenteava o Tua, do outro lado do rio o monte com a capelinha da Senhora da Cunha a pontuar o cume de branco. Aldeias dispersas, casarios cristalizados nas pregas de terre-nos às malhas, ora verdes ora castanhos, ora frescos ora torrados pelo sol. E tudo aquilo mudo e tranquilo, tão em baixo que os ruídos não podiam fazer-me chegar as suas presenças fugidias. A *fender stratocaster* de Knopfler estava agora espalhada por todo o espaço em redor, resistira à atração do abismo e conseguira pairar, tomava conta do planalto, rolava até ao vale e a voz cava e quase falada repetia ao ritmo obsessivo do metrónomo *Broken bones*. Foi então que, irrompendo por toda aquela vastidão, veio perturbar-me a dúvida sobre o meu próprio paradeiro. Dali podia ver tudo, podia analisar com contornos e transparências - e não me achava na carcaça. Não me achava também sobre o lajedo, embora possa assegurar que, num primeiro momento, no instante inicial do voo em que já não havia estrada



*Ao fundo um fraguedo, uma enorme laje levemente arredondada, quase lisa, que escorregava até ao rio e mergulhava nas profundezas.*

*do outro lado do rio o monte com a capelinha da Senhora da Cunha a pontuar o cume*

mas não havia também nada em seu lugar, na fração de segundo primordial em que o tempo se suspendeu e a existência nem era vida nem era morte, me parecera ver ossos espalhados por todo o arredondado da fraga. Procurei dentro do restaurante. Eram minúsculos agora, mas via distintamente a correria dos empregados, as travessas de peixes do rio circulando entre a cozinha e as mesas. "Não tem carne, caralho?", parecia ainda dizer o vermelhusco. Procurei-o, não estava já na sua mesa sentava-se dobrado pela cintura no terreno traseiro da estação e praguejava enquanto a diarreia abundante lhe escorria e servia já de colchão às primeiras moscas. Espantado com a facilidade que era observar do miradouro em que pairava agora, fui lançando olhares em todas as direções. E em todas elas surpreendia gente nas suas rotinas, repousando uns, outros esforçando-se nos afazeres do costume, outros desbravando medos ao experimentarem os seus limites. Caso dum homem que, no meio do rio, tentava içar para bordo dum pequeno caíco o seu corpulento cão que caíra ao leito, o animal só já com a cabeça de fora, esticando o pescoço num alento final para permanecer emerso e ser guindado pelo dono. Os olhos de ambos encontravam- se, um prometia salvação e aplicava todo músculo de que era capaz, o outro esticava o pescoço, o corpo puxava-o para o frio dum lugar sem chão e a cabeça sabia que devia manter-se à tona. E no cruzamento daqueles olhares se percebia o quanto ambos sabiam como a vida é um fio, e ambos procuravam que não só não se partisse como içasse para o caíco o animal transfigurado pelo medo. E o espantoso é que nesse momento em que via a luta do animal, em que lhe podia ler nos olhos espantados toda a agonia que a Criação é capaz de concentrar num único ser, nesse momento vi com a nitidez da primeira luz o cão guardando a meia dúzia de ovelhas que o homem tinha na encosta de sua casa, vi-o correndo pelo prado junto ao rio a ladrar à égua, notei como nessa alegria não havia ainda a menor suspeita da sombra espectral que o esperava disfarçada sob o brilho das águas, não havia ainda a suspeita de que se despediria alguns dias depois ali mesmo, ali no lugar onde a sua existência canina se cumpria toda a cada dia.

*... nesse momento vi com a nitidez da primeira luz ...*

Foi então que aconteceu algo que nunca poderia imaginar antes de me ter transformado em voo. Por baixo do meu planar o ar abriu-se em brecha, uma despressurização repentina sugou-me para baixo. Pensei num primeiro instante tratar-se duma queda, e logo me vieram as imagens do carro a entrar na curva, do evoluir para o seu bojo sem a noção de que a curva era tão curva, o barulho de arranhão gigante da gravilha da berma - e o abismo, o abismo de repente revelado assim que faltou o chão, todo um mundo aberto por baixo do meu ser e todo o meu ser a agarrar-se às energias que nesse momento se libertam do casulo onde se faziam invisíveis, as energias que ignoramos que temos mas que, no segundo exato em que são chamadas, se desdobram e expandem e iniciam a ascensão. E voltei de novo, como naquele primeiro momento, à compreeensão de que no estado em que me encontrava não existiam quedas, que o descer era tão natural e leve e planante como o subir, que subir e descer eram duas peças do mesmo movimento perpétuo. Desci então como quem sobe, só sabendo que descia porque tudo ia ficando mais perto, porque tudo tomava mais contornos e avivava as cores e novos pormenores surgiam por baixo de mim. A aproximação fazia-se sem dúvida em direção à pele verde do rio, começava a ver-lhe o enrugado das pequenas ondulações, começava a distinguir espumas e minúsculos gorgolejos na pureza daquela toalha líquida. Um frio súbito envolve agora o meu ser, o mundo torna-se um lugar denso e espesso e frio. O cão desistiu, enquanto desci fiquei tão invadido da plenitude do espetáculo em redor que deixei de o observar, não lhe vi os momentos finais mas sei agora que não ladrará de novo à égua, que não guardará as ovelhas, desce como silhueta embalsamada, desce devagar numa vertical mansa rumo à eternidade que é o fundo dum rio. Vai já a meio, encurto a distância, quero vê-lo de perto. E de repente o longe e o perto confundem-se, circundo o olhar em redor à sua procura mas os meus olhos são já os dele, reacenderam e brilham, recuperaram daquele vítreo que revela o es- tado de cadáver e de novo giram nas órbitas. Viro a cabeça para trás e recortada no difuso

*... começava a ver-lhe o enrugado das pequenas ondulações, começava a distinguir espumas e minúsculos gorgolejos na pureza daquela toalha líquida ...*

aquático noto perfeitamente a cauda, olho para baixo mas nada se vê a não ser o nevoeiro esverdeado das águas, aqui e ali um peixe a um palmo que logo foge apavorado. O fundo é um lugar macio, é tudo silêncio e poalha líquida. Um leve movimento desloca-me para diante, a cauda bate num calhau forrado de limos, entorto mas prossigo. Começo a habituar-me àquele sítio sem tempo, percebo como a massa líquida avança e tudo está parado, como tudo ondula e nada se move. Estou bem junto ao fundo, continua a visita dos peixes, são em tudo irmãos dos que passeiam nas travessas do Saia Curta, aproximam-se em ziguezague e logo se afastam num arranque súbito, como quem acaba de ter um vislumbre espectral. Um pequeno brilho irrompe de repente no meio daquela quietude milenar. Procuro aproximar-me, noto como a corrente me empurra para lá, não sei se por acaso se porque me leu o desejo. O ponto que brilha está mais perto, vai fazendo mais nítida a sua pequena luz. Estou a poucos metros agora, há em seu redor alguns ossos espalhados. Aproximo-me à distância de um palmo. E então posso descortinar com os meus olhos caninos habituados a rasgar escuridões uma embalagem quadrada. É de plástico, tem a imagem de alguém a tocar guitarra e as letras fazem-se agora fulgurantes como uma revelação: *Broken Bones*. E a *fender stratocaster* de Knopfler sobe já de tom e invade aquele fundo marinho misturando os acordes sincopados à massa repousada dos líquidos profundos.

O homem do caíco está sentado numa pedra ao fundo do quintal, tem o olhar perdido na meia dúzia de ovelhas que pastam na encosta de sua casa. Desce sobre si a certeza de nada valer a pena, desce com tal peso que tomba a cabeça num desalento infinito. Ao fundo o rio vai num silêncio de sepulcro, leva a corrente carregada de malvadez. Não terá coragem de lá voltar com o seu caíco, não terá alma para enfrentar a lembrança dos olhos suplicantes do cão. Talvez desista também das ovelhas, tudo é vão, tudo muito menor do que o absurdo de ali estar sentado numa pedra à espera que a tarde caia e arraste o sol até à linha dos montes. Aproximo-me, ainda não me viu. Levanta ligeiramente a cabeça pendente

e, agora sim, repara. Incrédulo, é incapaz de mexer um cabelo. Fita-me e permanece imóvel como se fosse estátua. Acelero o trote, dou-lhe uma focinhada meiga nos joelhos, paro um segundo a olhá-lo nos olhos, abano a cauda com vigor e sigo adiante. Passo pelas ovelhas, lanço a corrida pela encosta e estou já no prado. A égua levanta a cabeça e, moendo as gramíneas que lhe pendem das beiças, prepara-se para se mostrar indiferente ao incómodo da minha impertinência canina.

19 DE ABRIL

Passámos o fim de semana de Páscoa nas Areias. Quando era criança pensava que a aldeia se chamava assim por causa da terra quase branca que cobre as suas áreas de cultivo, eu que achava que a terra era sempre castanha e perguntava a meu pai por que não tinham posto terra de verdade na nossa aldeia. As Areias é uma povoação que só vem nos mapas miudinhos, que são os únicos que dão estatuto de coisa cartografável a sítios peqeninos dum grande Portugal cheio de densidades que a globalização ainda não matou. É uma das trinta e duas aldeias espalhadas pelo planalto e pelas encostas que inclinam para o Douro e para o Tua. Minha mãe já lá estava, esperava pela chegada dos netos sentada no alto dos seus oitenta e oito anos. Passou-se um belo fim de semana, com visita ao burro daAssunção e duas idas aos Olmos. O Luís está muito melhor quanto ao pavor dos cães, ao ir para os Olmos temos de passar pelos cães de gado que guardam o curral do Barnabé Baçal, mal nos pressentem fazem o alarido do costume, ele aguenta o impacto de mão bem apertada na minha e sem o espalhafato de antigamente. Nos Olmos espreitam as rãs no tanque, mergulham como pequenos torpedos ao pressentir-nos. A água é verde-água, um verde diáfano à tona, mais fechado junto aos limos e a uma espécie de alface miudinha que cresce junto aos cantos. A superfície sugere uma profundidade de poço, mas o tanque não chega às ancas dum adulto – é a ilusão do abismo ali urdida pelos vegetais líquidos.

Guiados pela astúcia de velho do avô Toninho, o Miguel e o Luís caçam um grilo que, incautamente, se denunciou ao cantar.

Quando fomos ver o burro da Assunção à loja pegada à casa do Sequeira, ela deu-lhe forragem e disse:

- Estou-lhe a dar o pequeno-almoço.

- Só tens um burro? – perguntou o Miguel, interessadíssimo a observar a refeição.

*Minha mãe já lá estava, esperava pela chegada dos netos sentada no alto dos seus oitenta e oito anos*

*... temos de passar pelos cães de gado que guardam o curral do Barnabé Baçal ...*

*... fomos ver o burro da Assunção  à loja pegada à casa ...*

- Eu também sou uma burra, já somos dois…

A Assunção disse isto com um ar não sei se irónico se triste. O silêncio das pedras de granito da loja era agora sacudido pelo feno a ser rasgado pela dentuça do asno. Entretanto, o grilo viajou dos Olmos, uma terra de cultivo entalada entre bouças de carvalho e castanho, para a cidade e mora agora connosco. Esta noite, ao deitar, o Luís perguntou-me, enquanto subia a escada do beliche, depois de ter deitado uma olhadela ao grilo:

- Se ela é mulher e não fala, como é que conversa com o grilo?

Eu já lhes havia explicado ontem que o animal não canta porque provavelmente é uma fêmea, que as fêmeas do grilo são as pútegas, e que as pútegas não cantam. Provavelmente, reflito para mim, não cantam desde que descobriram que lhes chamamos pútegas.

*O silêncio das pedras de granito da loja ...*

2 de maio

Passámos o fim de semana com ponte do 1º. de maio nas Areias. Campo pleno, maias por todo o lado, um frio quase de janeiro. E aquele ar lavado destas paragens que pairam por trás dos montes. O Luís e o Miguel vão perdendo alguns dos medos duma infância urbana que quase os paralisava defronte dos grandes espaços abertos, dos animais e das gentes da aldeia e começam agora, verdadeiramente, a tirar partido das vindas a estas paragens do planalto entre Douro e Tua. Há três semanas, enquanto aqui passávamos a Páscoa, arranjaram um amiguinho. Acabou de fazer cinco anos, mora numa pequena casa vizinha da nossa, onde já vivera seu avô durante a minha infância. Lembro-me de ter fixado com espanto imagens que para mim representavam a pobreza que me parecia, por essa altura, o estado natural das pessoas na aldeia. O Nogueira, assim se chamava o avô, era pastor. Lembro-me dos cães do gado estarem deitados à porta de casa, lembro-me do meu receio em ali passar para ir fazer recados à loja da senhora Mercês. Agora vive na casinha térrea o seu filho, que lhe herdou o ofício de pastor.

O amiguinho do Luís e do Miguel é o Zé e vive imerso numa realidade completamente diversa da deles. É o primeiro contacto a sério que têm com um ser visceralmente campestre, que circula à vontade por toda a aldeia, que tem a rua por sua conta, que conhece os pássaros e se habituou, a despeito da pouca idade, a ser um arguto observador. Não é tímido, mas também não é atrevido. Não fala sem ser preciso, exprime-se com uma desenvoltura espantosa, sem precisar de ter realizado jogos didáticos em banho-maria no infantário. Tem a calma de não saber o que são pressas num sítio onde o tempo desliza com vagar e não mostra a irrequietude tão típica nas crianças de apartamento, que descarregam através da agitação motora a paranoia pequenoburguesa dos pais. Atente-se neste pequeno episódio:

Então Zé, está tudo em ordem?

- pergunto. Está chim chenhor. As ubelhas a pastar e ós cãej a guardarem-nas...

Extraordinário! Não concebo, de facto, um mundo mais em ordem. E o mais admirável é que o Zé não

*um ser visceralmente campestre, que circula à vontade por toda a aldeia, que tem a rua por sua conta ...*

*Está chim chenhor. As ubelhas a pastar e ós cãej a guardarem-nas...*

estava a ironizar, mas a falar do mundo que conhece, um mundo em ordem, um mundo a rolar no pasto das ovelhas e da vigilância pachorrenta dos cães do gado. Dificilmente outra imagem evocaria com tanta força um mundo realmente em ordem. E eu que tinha disparado a pergunta só para dizer qualquer coisa, qualquer coisa que fizesse conversa e dispersasse o silêncio à mesa do café duma esplanada na Carrazeda, onde levámos o miúdo na companhia dos nossos. Da sua frase impressionou-me ainda o sotaque perfeito, a musicalidade já completamente assimilada daquele cantarolar transmontano com os *s* carregados e o fechamento dos *e*, as ubêlhas, as urêlhas, os cuêlhos ... Fico espantado com algo que, bem vistas as coisas, é trivial em qualquer lado do mundo: o facto duma criança ser capaz de reproduzir na perfeição a língua que vai aprendendo, não apenas no seu conteúdo, não apenas na sua sintaxe, mas nas subtilezas da sua música - os milagres podem ser factos triviais. E aqui, assim desmunidos das coisas diárias em que já não reparamos, desvelam-se a uma luz surpreendente e nítida estas trivialidades.

*... um mundo em ordem, um mundo a rolar no pasto das ovelhas e da vigilância pachorrenta dos cães do gado ...*

24 de agosto

No princípio de junho o Miguel e o Luís perderam uma avó minha mãe. No dia do falecimento passou-se um curto diálogo que quero que não se perca. Os avós maternos, ao fim da tarde, foram buscar o Luís e o Miguel ao ATL e, pelo caminho, comunicaram-lhes o sucedido. Quando chego a casa, estão também eles a chegar. O Miguel chega ao pé de mim, abraça-me, e depois diz:

- Agora só ficaste com as tuas irmãs. Deve ser difícil.

Digo umas palavras de circunstância, abraço-o. Fico tocado com o modo como pensou numas palavras para me confortar. O Luís, que tinha mantido silêncio, talvez por ver a iniciativa do irmão diz pouco depois:

- Quando eu morrer quero muitas flores, senão... não morro.

Vamos para a cozinha, vou comer qualquer coisa, estou ainda com o pequeno-almoço. O Miguel senta-se à mesa comigo e, daí a pouco, diz:

- Sinto aqui uma coisa no peito... pra chorar. Mas não consigo chorar ...

- E gostavas de chorar?

- Gostava.

Já muitas vezes, desde há bastante tempo, me haviam perguntado, tanto um como o outro, se quando a minha mãe morresse eu ia chorar. E, nos dias a seguir ao funeral, o Miguel por mais duma vez voltou ao facto de ter ficado muito triste mas não ter conseguido chorar. Não concebem a tristeza sem o choro, sentiu-se incompleto, como que em falta, por não ter chegado até às lágrimas com a morte da avó. Nos últimos tempos da vida dela o Miguel manifestava-lhe um grande carinho, mostrava uma grande atenção às suas necessidades. Foi pressentindo que ela estava a chegar ao fim dos seus dias e, consumado o acontecimento, ele esperava de si próprio um sentimento mais exuberante. Talvez pensasse que a morte fosse uma coisa mais forte. Queria chorar para o exterior, porque a morte tem um

lado público e temos medo de não o desempenhar corretamente. Foi por causa desta dificuldade em chorarmos no momento socialmente adequado que se inventaram as carpideiras? Vi-as ainda na aldeia na minha infância, estou num velório em Zedes e contemplo, estremunhado, os seus gritos, não são gritos, são uivos ali rente aos animais, uivos rasgando por entre a luz mortiça, vestes negras e gente de cabeça baixa resignada perante a partida.

*... a morte tem um lado público e temos medo de não o desempenhar corretamente.*

1 DE SETEMBRO 2010

*Wish you were here*. Simples, pleno, suave, forte – genial. Pelas férias fora, pelas férias todas. No carro, o Luís e o Miguel descobrem o lado mágico que há nas músicas tocadas pela virtude. E o cenário tórrido de Trás-os-Montes, a natureza parada para não ter de arfar, o calor a reinar sobre todos os seres do planalto. *Wish you were here* – pelas férias fora, pelas férias todas. Lembro-me da primeira vez que a ouvi. Ia o ano de 1975, o liceu de Gaia em reboliço com as mudanças que a revolução de Abril trazia. A velha disciplina de canto coral resistia ainda, era uma permanência da escola da ditadura. Não havia paciência, a indisciplina tomava conta de cada aula. Até que, a meio do ano, veio uma nova professora. Nova, mesmo nova – de mini-saia e tudo. Foi então o abrir de portas às sonoridades que chegavam de fora, a revolução em curso passava também pela revolução juvenil de que a ppop-rock vinha carregada. PREC, para nós, era a Pop Rock Em Casa. E em todo o lado, foi numa destas aulas que a Nani trouxe um LP debaixo do braço que toda a turma ouviria em êxtase. Era o *Wish you were here*. De tal modo me marcou que nunca mais me esqueci do nome dessa querida colega de olhos amendoados, carnes fartas e belos seios juvenis querendo saltar da blusa.

Temos uma música para cada verão. Nada de planeado, tem sido simplesmente assim, um tema forte que pauta as férias. Lembro-me do *Psycho Killer*, dos Talking Heads, do *Goodnight moon*, dos Sheevary, do *Coro das velhas*, de Sérgio Godinho. E agora os Pink Floyd. Ficam bem, aqui no planalto - *can you tell the green fields*, pergunta-nos Roger Waters. Ninguém responde, no carro há euforia, a música tira-nos do chão e voamos por esses campos verdes – mesmo amarelos como estão os daqui do planalto de Carrazeda. Agosto nas Areias, a aldeia afirma-se no Luís e no Miguel como o cenário privilegiado das férias. Este ano já se aventuram à noite: depois do jantar vão para a rua, anda lá o Zé Miguel, que é o

*E o cenário tórrido de Trás-os-Montes, a natureza parada para não ter de arfar, o calor a reinar sobre todos os seres do planalto*

filho do pastor e já é compincha desde há várias férias, a Rita, a Mafalda, o PP, a Ema. Que grande é a rua! Que aberta, que comprida. Hoje vamos mais um bocadinho, há sempre mais rua para lá da rua, cães ladram ao fundo, só há negro e cheiros a currais ao longe – e regressam lá para as 11h, há ainda muitas vozes na rua, o calor tira as gentes das casas apertadas como insetos a sair das tocas. E há insetos pelo ar, há morcegos, aquele pio quase ultrassónico, um breve estalar eletrónico a sair de bichos tão arcaicos. No quintal, para o lado de trás da casa, uma grande paz – a terra de bem consigo, repousa e sabe que não falta muito para o fresco da madrugada. Dura pouco, a noite. E está um calor de forno dentro de casa. Vimos para a varanda e há um céu cheio de surpresas, há estradas de estrelas, algumas resolvem mudar de sítio, é rápido, decidem logo onde desaparecem, o Luís e o Miguel fazem ooooh! E logo a seguir muitas perguntas.

*... anda lá o Zé  Miguel, que é o filho do pastor e já é compincha desde há várias férias, a Rita, a Mafalda, o PP, a Ema.*

**AONDE ME LEVAVAM OS MEUS PAIS**

Meus pais não me levaram à eurodisney. Não havia.
Meus pais levaram-me umas poucas de vezes ao palácio de cristal. Poucas, sim - mas foram vezes. O que é pouco ganha densidade e parece muito. Do que temos muito ganha vulgaridade e parece nada. Comia algodão doce, fazia um furo nos chocolates regina, via o macaco chico e o leão sofala.
Nessa noite sonhava com a savana e com as refinarias de açúcar reunidas.
Meus pais nunca me levaram ao pavilhão rosa mota. Não havia. Mas havia um pavilhão exatamente no mesmo sítio e que, aliás, era o mesmo. O mesmo sítio e o mesmo pavilhão. A rosa mota é que ainda não havia.
Meus pais levaram-me muitas vezes à praia de miramar. Tinha eu nessa altura os mais loiros cabelos, tinha a pele branca. Começou a tingir no pri- meiro desses verões. Hoje sou quase careca mas a capelinha da senhora da pedra continua encalhada no mesmo rochedo que me parecia uma incrível escarpa.
Meus pais nunca me levaram a grandes festas em relvados imensos pontilhados de piscinas azuis. Nos meus anos havia futebol no empedrado da rua e toda a casa cheirava ao bolo que minha mãe fazia na cozinha. Entrávamos, comíamos por entre risadas e regressávamos em tropel ao jogo que ficara suspenso com um empate a dois.
Meus pais levaram-me todos os verões às vastidões de planalto onde tinham nascido. Havia tanto ar que sufocava e enormes aves de asas paradas por cima dos pinhais, havia tardes tão grandes que eu desistia e recolhia ao quarto à espera da noite.
Meus pais levaram-me aonde nem eles sabiam. Agora estou aqui. Um dia - o mais triste dos dias - foi a minha vez de levar meus pais. Não sei onde estão agora.

*Meus pais levaram-me todos os verões às vastidões de planalto onde tinham nascido ... havia tardes tão grandes que eu desistia e recolhia ao quarto à espera da noite.*

*Um dia - o mais triste dos dias - foi a minha vez de levar meus pais. Não sei onde estão agora.*

## O PRIMEIRO SÁBADO

Hoje é o primeiro sábado sem ele. Está sol, mas não é o mesmo sol. E no entanto está e aquece. O sino, no sábado passado, gritava. E havia o choro. Flores a seus pés quietos. O silêncio prudente de não querermos chocar os mortos com a pulsação das nossas vidas. E havia o choro, o choro em redor, eu falava com ele, perguntava-lhe por que já não me olhava, obstinado a olhar o teto na mesma expressão que vi tantas vezes quando os mortos eram os outros. O sino rodeava os ares, era estridente e aflito. Um breve silêncio e voltava à carga, na esperança de acordar os céus. Hoje é só um som metálico. Rasga o nevoeiro frio de fevereiro com a pontualidade dum escriturário, paira pelos campos como desde sempre fizeram as bada- ladas quando se desprendem do metal e voam confirmando a tarde. Mas no sábado passado o sino sabia da partida, via-o no choro das mulheres. Sabia da minha fala agora caída no irremediável do sem-resposta. Está sol, mas não é o mesmo sol. Está e não aquece.

*O sino rodeava os ares, era estridente e aflito. Um breve silêncio e voltava à carga, na esperança de acordar os céus*

**CIPRESTE**

Havia um cipreste.
Vi que caminhaste
e te despiste
(a roupa na sombra da árvore dependurada do nada)
O leito agreste
e mergulhaste.
Nadaste
depois saíste

*Havia um cipreste.*

**O INCÊNDIO**

(mote e glosa sobre a beleza do fogo)

mote: fogo, fogo, fogo

glosa: que belo que é o fogo

fogo, fogo, foge do

fogo

afago a chama do

fogo

e afogueio-me na brasa

morna em breve pele queimada

aparecem já os bombeiros

e diz o comandante exibindo as inúmeras

queimaduras do terceiro

grau

que enfeitam a sua bravura:

A mim não há fogo que me foda

venha de lá essa labareda

ainda agora havia fogo e já me afogo

na água que matou o fogo

*mote: fogo, fogo, fogo / glosa: que belo que é o fogo*

## CÃO

rosna
cão
ladra à insistência do inverno

uiva
cão
fere a lua
com teu focinho esticado ao alto

eriça o pelo
rosna uiva
fere

obriga o tempo a mudar de estação

VERÃO

São pequenos
os meus pequenos sonhos
um ou outro chegando ao verão

Percebo a distância a que estão
dos grandes espaços abertos

Pequenos? Meus e isso me basta.

São rios plenos
por eles passeia inteiro o cosmos
mesmo sem sair de casa

*São rios plenos / por eles passeia inteiro o cosmos*

*cão / fere a lua / com teu focinho esticado ao alto ...obriga o tempo a mudar de estação*

**PEQUENOS SONHOS**

INVERNO

Inverno acabado

Distendem-se como animais no fulgor das primeiras tardes mornas

meus pequenos sonhos

Todos os quase nadas

que me aguentam pelo comprimento do dezembro cinza

PRIMAVERA

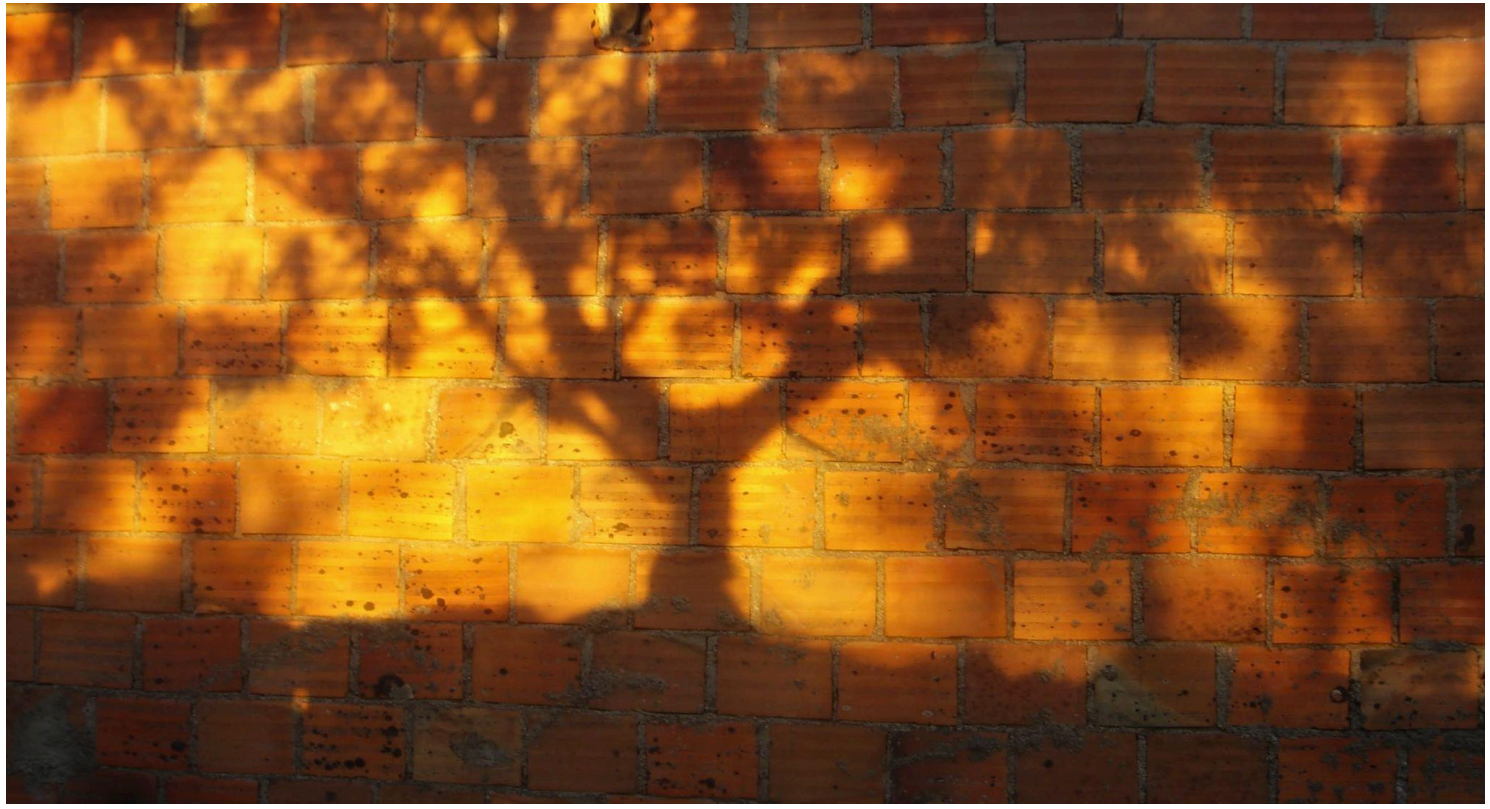
Primavera agora

sol nos muros

Pelas ruas recomeçadas

vou espalhando meus pequenos sonhos

Um ou outro passante os recolhendo



*Primavera agora / sol nos muros*

## O QUE ACONTECE NO INVERNO NA ALDEIA QUANDO PASSAM OS CÃES DO GADO

I.
Aqui não há frio nem prados
nem o frio dos prados
vê-se simplesmente o buraco do arvoredo
por entre as falhas da lua
e os cães do gado afastam-se lentamente

dirigindo-se também eles ao sítio
onde uma luz crua ilumina duma vez o inverno.

É assim o campo à noite
ninguém sabe se é campo ninguém sabe
se é noite

Porque nada se faz com a facilidade que pensamos
e as coisas aqui demoram como a pedra
e o sono dos lacraus.

Vê-se, isso sim, simplesmente o buraco
do arvoredo por entre as falhas da lua

e a luz primeira que veio por estes sítios

Se os cães do gado, mansos e sabendo
perfeitamente da pouca utilidade de dias assim tão compridos
na eminência dos lobos,
se os cães do gado, dizia, assim se afastam

não é porque haja direção
mas porque conhecem perfeitamente o movimento de rotação
da terra

*e os cães do gado afastam-se lentamente*

II.
Afastam-se lentamente
pisando as folhas do inverno anterior

e há falhas no arvoredo, prova inequívoca de que o céu existe.

Não há perdizes por aqui já
morreram da espera. Impossibilitadas de cair
de um tiro

despenharam-se elas mesmas conforme sabiam
indo cair exatamente
aos pés das diversas falhas na folhagem.
Essa, a que deixa por entre si vir a lua.

É assim o inverno aqui no lugar onde
os cães se afastam por profissão

Não se sabe quando poderão parar
já que seguem através de uma marcha exterior ao que são
avançam lentamente
tendo talvez na ideia a ideia de um rebanho por ali.

E arrastam uma enorme cabeça de boi manso,
arrastam a cor e o cheiro e pisam as folhas
do inverno anterior.

Ainda persistirão,
parecem saber que têm de sair dali
embora, deslocando-se não saiam do mesmo lugar.

É esse o abismo do tempo na aldeia

*avançam lentamente / tendo talvez na ideia a ideia de um rebanho por ali.*

**MATEMOS A ALDEIA I**

Não cantemos mais a aldeia.
De que valem o lume e o vime?
E a fonte e o arado? De que vale o gume?
E o monte e o cume, a floresta e o prado?
Nem mesmo a terra lavrada:
Há orvalho e é manhã
Vem aí um dia novo - é como se não viesse nada

**MATEMOS A ALDEIA II**

Rompamos de jeep por entre os rebanhos
matemos o mato
tombemos pastores, esmaguemos os anhos
Vejam bem os estorninhos: que bichos estranhos
A fruta caiu? A horta inundou?
O poço secou? O padre morreu?
Louvemos o rato
e a cega toupeira
a cobra rasteira lagartos tamanhos louvemos o joio
e a bosta de vaca - louvemos o poio
Tiremos da ideia chocalhos ao longe destruam-se azenhas
açudes represas
o padre morreu finaram-se as rezas
destrua-se a rosa, o veludo dos fenos lancemos no ar sulfatos venenos
Apontemos canhões, matemos a aldeia

*Vejam bem os estorninhos: que bichos estranhos*

**AQUECIMENTO GLOBAL**

Vinde a mim
prados do fim do mundo

quanto tempo terei ainda para vos pastar?

Era verde
a erva que agora vos amarelece
mirrais sob o vento sulfúrico
andam-vos por cima as aves desorientadas
nem sois figura nem fundo

Vinde a mim
bosques em agonia

quanto tempo sereis ainda a minha clorofila?

Morreis agora mais rápido que as aldeias
sepultando na lama insetos teratológicos

Olha, filho, o prado que seca
olha o bosque que amarelece

*Vinde a mim / prados do fim do mundo ... Vinde a mim / bosques em agonia*

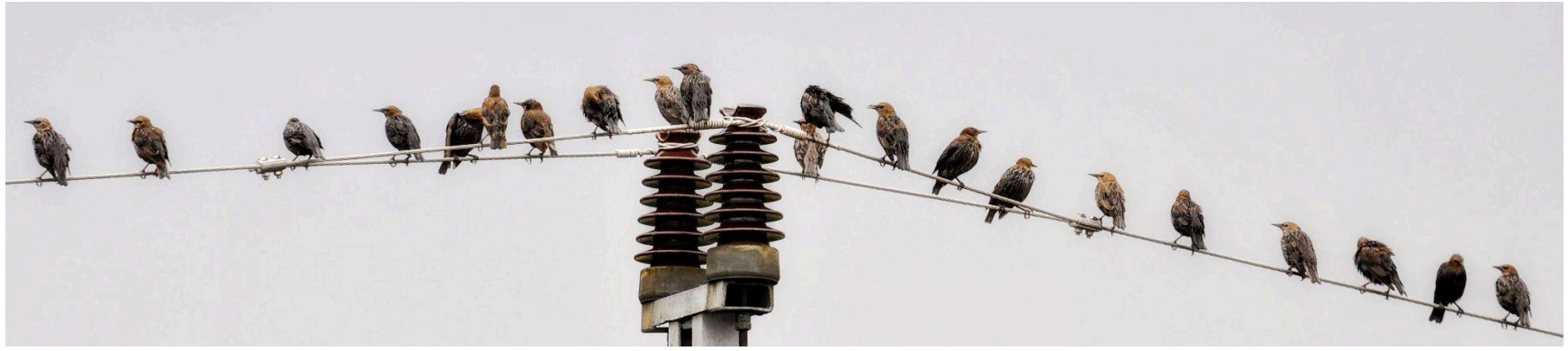
desiste, pois, de colher tangerinas
e cinge-te aos pedregosos leitos falecidos
não temas: são as novas cores do universo
prepara-te para a grande festa
e vem brindar ao aquecimento global
às turbulências, aos ciclones
ao efeito-estufa em espiral

São belas, as novas vestes da princesa
não vês como ainda respiro?
plano nas cinzas de tudo quanto acontece
sou um transgénico em passeio no pinhal
venha o ronco telúrico ebulir o planeta
seque prados, arda bosques
ponha estios nos invernos
ponha polos no equador
que a mim
nem me aquece nem me arrefece

**PEDRAS**

Há pedras habitadas. Pássaros que não migram
só para não sofrerem a partida

Esperam um ano a fio pelo regresso dos companheiros



**ENIGMAS DA NATUREZA – a sardanisca e o sardão**

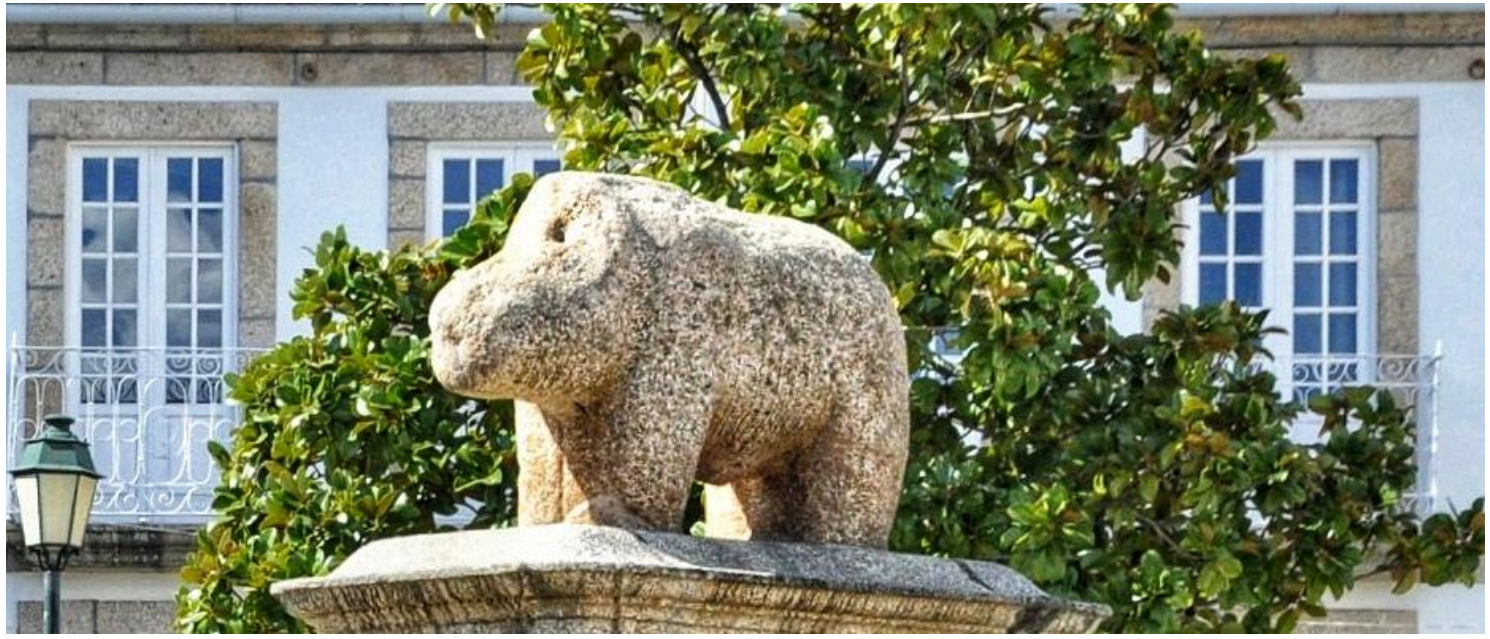
O sardão é maior do que a sardanisca. Se assim não fosse, seria esta o sardão. A sardanisca é também chamada lagartixa, mas ao sardão não devemos chamar lagartão. A lagartixa é um lagarto que ficou rabicha – por isso perde o rabo com tanta facilidade - enquanto a sardanisca é um sardão que mingou e passa os dias a jogar à bisca. Tanto sardanisca como lagarticha, quando perdem o rabo ao escapar de algum predador, regeneram-no por vezes em bifurcação. Um animal que multiplica o rabo ao fugir do inimigo é um prodígio que devia ser estudado, levando-nos a desvendar finalmente a origem da frase quem tem cu tem medo. Com efeito, tanto a lagartixa como a sardanisca, ao verem o predador, dão-lhe logo o rabo. E fogem. Fogem a sete pés nas suas quatro patas e uma cauda a menos que em breve serão duas.

*O sardão é maior do que a sardanisca. Se assim não fosse, seria esta o sardão.*

**ENIGMAS DA NATUREZA – o porco**

Uma das primeiras redações que fiz na escola primária foi sobre o porco. Criança ainda, disse apenas o óbvio: que o porco é útil. Quero agora acabar a redação que a minha tenra idade não soube desenvolver. Os porquês acerca do porco originaram a porcologia. País de suínos, temos muitos e bons porcólogos. Mas há coisas que eles, enquanto cientistas, não podem dizer em público e eu posso. Não tenho papas (de sarrabulho) na língua: o porco é um animal dissimulado. A prova maior é a de nunca ter conseguido reconhecer nele a zona do fiambre. De resto, a sua anatomia, por mais estudada, continua pejada de incógnitas: por que tem uma tomada no nariz? Por que é que a porca torce o rabo? E por que puseram uma mesmo no meio de Murça, que era antes disso uma terra tão linda? Levando mais a fundo as questões: Por que insistimos em fazer panados de porco? Por que lhe comemos as orelhas? E o focinho? O porco é o único animal em que vale tudo. Senão atente-se no modo como é vítima dos alarves da salsicha, do presunto, da morcela, da farinheira, do salpicão, do butelo, da moura, do chouriço, da linguiça, da tripa, do chispe. O porco está na mira dos pançudos que arrotam a colesterol. Alarves destes confundem um tacho de arroz de sarrabulho com a pia da lavagem – e arrotam. Afinal quem é aqui o porco? Estes sim, são os verdadeiros amantes da pocilga. O porco não é porco, é suíno. Ninguém cria a Liga dos Amigos do Suíno?

*... a sua anatomia, por mais estudada, continua pejada de incógnitas: por que tem uma tomada no nariz?*



*E por que puseram uma (porca) mesmo no meio de Murça ...?*

**ENIGMAS DA NATUREZA – o burro**

Ontem publiquei considerações sobre o burro e, quando vi as visualizações, fiquei burro: quase ninguém teve coragem de ler. Não tenham medo, ler sobre burros não faz de vós burros.

A primeira coisa a dizer sobre o burro é que nenhum outro animal andou com uma divindade ao lombo: Nossa Senhora fugiu nele com Jesus na garupa a caminho do Egito. A segunda coisa é que nenhum animal doméstico tem tantos nomes. O burro é jerico, jumento, asno, burrico, jegue. Animal sugestivo, presta-se a comparações, no que só tem paralelo com o porco. Assim, é frequente vermos figuras destacadas da vida pública receberem o epíteto de burro – e mesmo algumas acumularem com o de porco. Tem sido salientado por grupos de ativistas o quanto é injusto para os animais este tipo de comparações, e só posso subscrever.

Breves palavras para dizer o que gosto no burro: a humildade, o olhar pleno de pena dos humanos, o zurro que parece soprado por maquinaria enferrujada; o pelo lazudo, a quietude durante as tardes no lameiro, as orelhas, a férrea convicção (a que por despeito chamamos teimosia). O burro no cio é merecedor de admiração – só não o sabe quem nunca viu a quinta pata.

Devemos ensinar-lhe francês nos primeiros anos de vida – burro velho não aprende línguas. Vai longe o tempo do burro dos moleiros, mas mantém a atualidade a frase vicentina "mais quero asno que me leve do que cavalo que me derrube". O burro tem a atitude do príncipe – do príncipe com orelhas de burro. Arre burro!

Lenga-lenga dos tempos do liceu: este texto foi visto e revisto pelo papa e pelo bispo e pelo burro que leu isto.

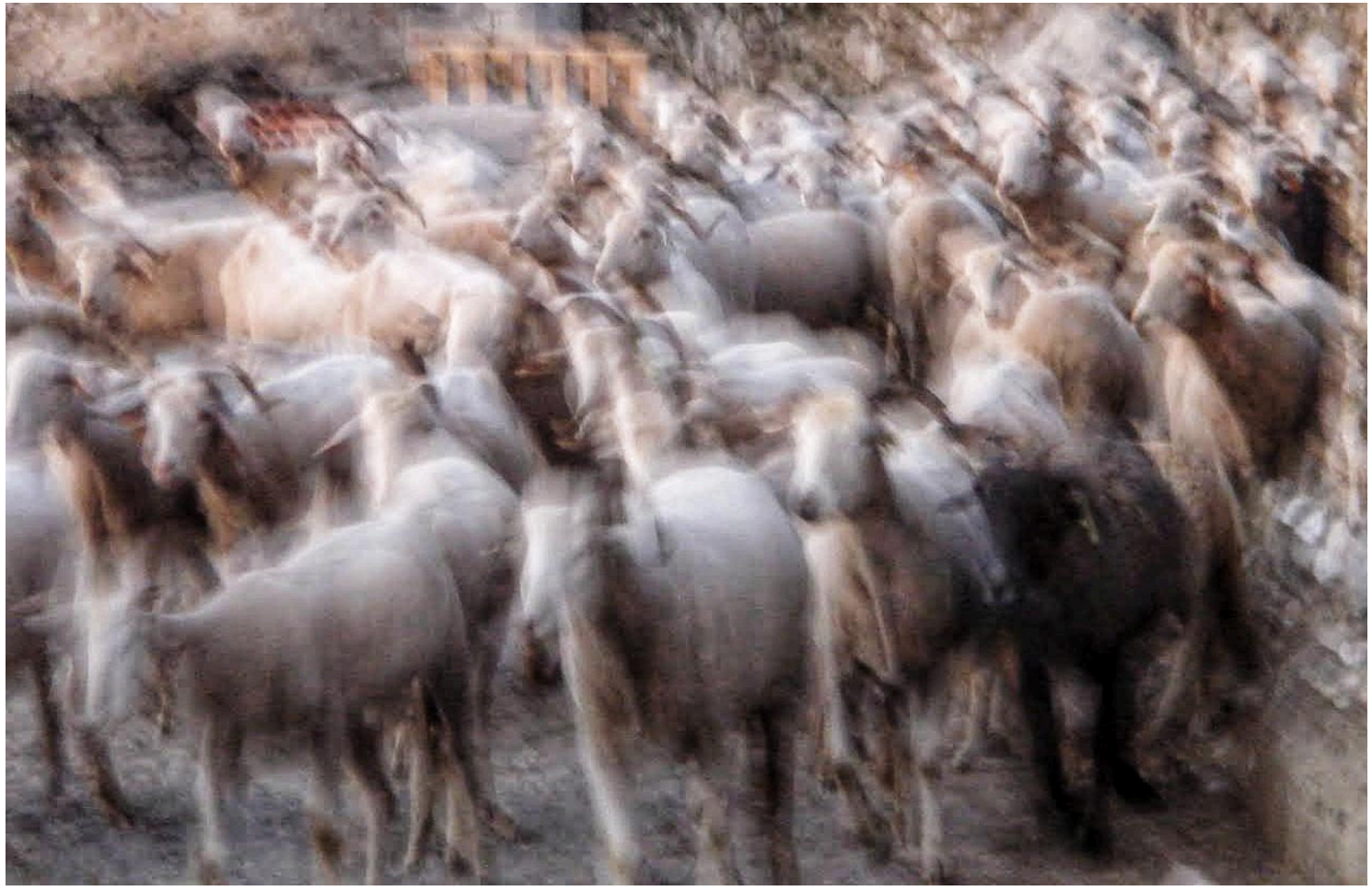
*... o pelo lazudo, a quietude durante  as tardes no lameiro, as orelhas ...*

**ENIGMAS DA NATUREZA – a manada**

Tomei anteontem consciência de que há tantos animais que a minha rubrica sobre a biodiversidade nunca mais poderá ter um fim. É, pois, necessário pô-los em grupo para adiantar serviço. Pensei debruçar-me sobre a macacada, como fazíamos na infância no muro da aldeia dos macacos do zoo de Lisboa. Arrumava assim de uma só vez símios e antropoides, incluindo os nossos primos primatas. Mas não gosto de falar dos primos. Se a biodiversidade continuar a definhar será o fim da macacada. Prefiro escrever sobre a manada. Mai nada!

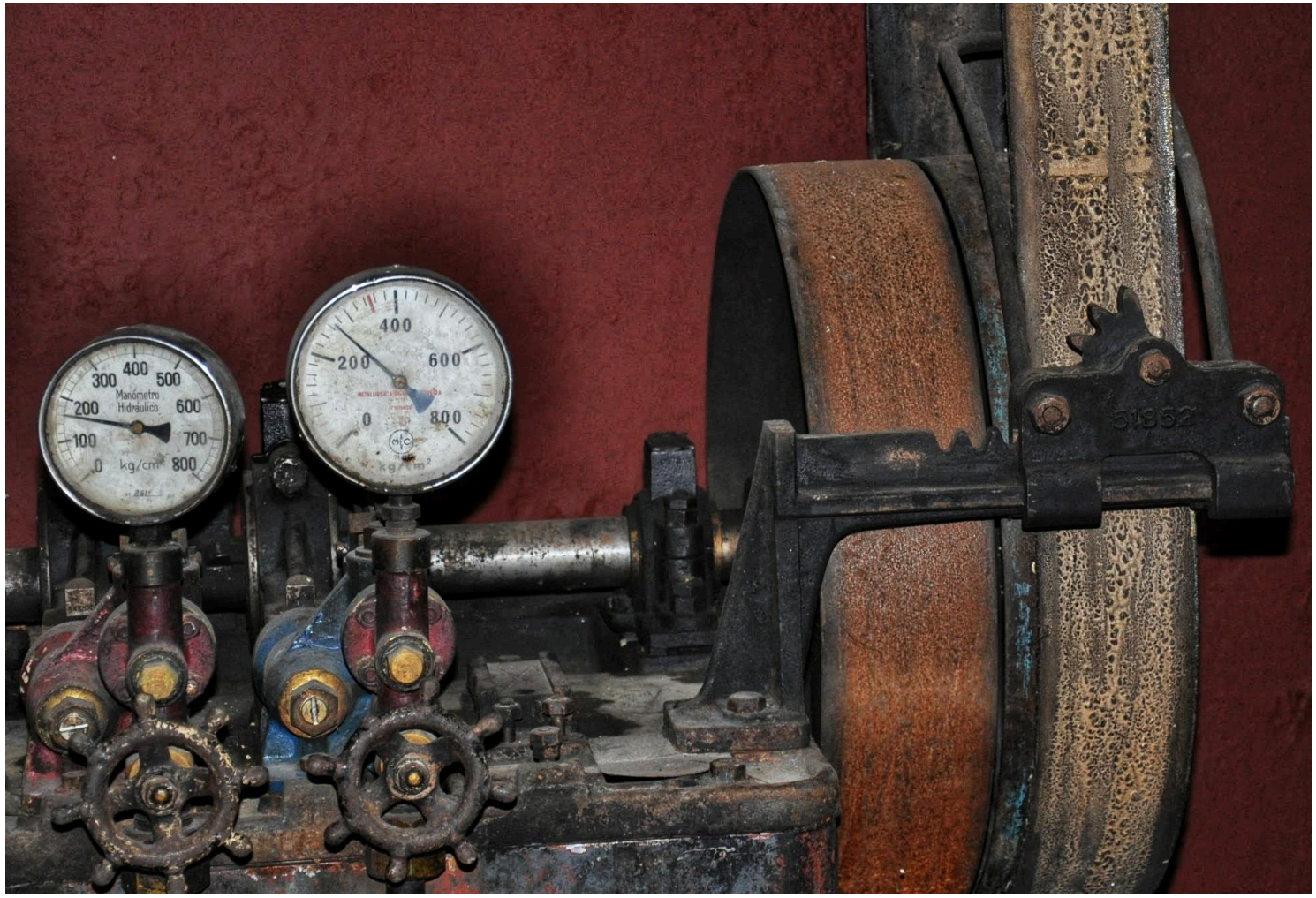
A manada não é um simples conjunto de animais da mesma espécie: é um lugar de confraternização, uma maneira de um gnu se sentir sociável, de um boi não ter solidão, de um bisonte achar que está num comício. Mas de onde vem o termo manada? Do facto de cada animal, ao olhar à esquerda e à direita, ver outro extremamente parecido consigo. "Oh! É meu mano!", pensa para si enquanto muge e desvia a cabeça do ânus do animal em frente. Mano a mano se faz a manada: todos irmãos, deslocam-se solidários como gotas da mesma núvem. Que bonito é ver o sentido fraternal da manada!

Tantos animais juntos acabam por dar grandes apertões entre eles. O aparelho que mede a pressão dentro da manada é o manómetro. Dão também grandes pizadelas, mas resolveram o problema desenvolvendo cascos. O cheiro que se desprende daquele convívio em animais que não tomam banho é nauseabundo. Mesmo assim, viver na manada é um maná. A alternativa é a depressão de se ver sozinho na imensidão dos espaços abertos. Pior ainda é quando vêm os vampiros chupar o sangue fresco da manada, como muito bem observou o grande naturalista José Afonso. E depois ainda se põem a dançar a ronda no pinhal do rei. Não está certo.



*... cada animal, ao olhar à esquerda e à direita, ver outro extremamente parecido consigo. "Oh! É meu mano!", pensa para si enquanto muge e desvia a cabeça do ânus do animal em frente.*

*Mano a mano se faz a manada: todos irmãos*




*O aparelho que mede a pressão dentro da manada é o manómetro.*

**ENIGMAS DA NATUREZA – o caracol**

Queria escrever sobre o caracol. Arrasto este desejo desde a infância, quando eu e minha irmã fazíamos corridas de caracóis. Cada um tinha o seu, retirava-o com delicadeza da couve onde pastava e colocava-o na linha de partida. Aos que perdiam, ou que simplesmente insistiam em não ir na direção da meta, cortávamo-los com a faca de cegar as couves para as galinhas e atirávamo-los aos crocodilos – as nossas vorazes galinhas sempre prontas para o repasto.

É desde aí que quero escrever sobre o caracol. Um amigo meu que é psicanalista disse-me que eu queria expiar a culpa, respondi-lhe que não sentia culpa nenhuma, acrescentei que um caracol não passa dum caracol, mas respondeu-me que a minha culpa é inconsciente e que um caracol é muito mais do que um caracol. Tenho andado a pensar em que é que ele é mais do que si próprio, mas o pensamento a este respeito não sai da cepa torta, anda em espiral como a casca do dito e não aponta a lugar nenhum, evolui à velocidade do caracol e, se insistirmos, larga baba como um velho senil - ou mesmo como um caracol. Podíamos agora explorar as semelhanças entre um velho que se arrasta como um caracol e um caracol que se arrasta sem precisar de ser velho, mas fugiríamos ao tema, que é o caracol. Pelo sim pelo não, tenho evitado o meu amigo psicanalista. Mas, um destes dias, entrando desprevenidamente numa cervejaria, dei com ele na barra do balcão a beber uma caneca de cerveja. E, à sua frente, viçoso e lindo, um enorme prato de caracóis. Viu-me, sei que me viu. Mas baixou a cabeça para o prato. Sentei-me a seu lado, de repente havia perdido a aura de terapeuta, estava ali apenas um homem banal a comer animais molengos.

- Com que então, heim? – Saudei, em ligeiro tom de provocação.

- Então o quê?

- Nada, nada… Vejo como realmente um caracol não é mais do que um caracol – subi o tom da provocação.

- Deixe-me comer em paz. Isto não é o consultório, é uma cervejaria.

- Pois é. Mas um caracol é muito mais do que um caracol… - insisti, ciente da vitória.

- Claro – respondeu com segurança – Não vê que isto não é um caracol?

- Então o que é? – perguntei, sentindo-o entre a espada e a parede.

- É um montão deles, não vê?

Era mesmo. Por momentos perturbei-me.

- Onde está a diferença? – confrontei.

Ora! Você era capaz de matar um ser humano que estivesse a olhar para si com o ar mais inocente do mundo?

- Nem pensar! – disse eu, ainda sem perceber.

- E se fosse piloto da força aérea no meio duma missão, conseguia largar uma bomba?

- S…S…Sim… - respondi, sentindo que estava a perder a lucidez.

Pois. É como eu. Era incapaz de matar um caracol que estivesse a olhar para mim.

Desci do banco, afastei-me da barra do balcão e senti-me estúpido. Estúpido, insignificante e estúpido, achando Homer Simpson um homem inteligente. Um homem, não. Um boneco. Como eu, derrotado por um psicanalista que se aliou a um caracol.

*... se insistirmos, larga baba como um velho senil  - ou mesmo como um caracol.*

## SEM MAR

Dizes-me:
Nunca há mar nos teus poemas

Pois não. O mar que conheço é baço
E o que nunca vi é estranho
Insondável como poço, afoga-nos num lento abraço

Dizes-me depois:
Nunca há mar, mas há aldeias

Pois há. E há mulheres, há sempre mulheres.
Umas a chegar, outras a partir.
Gosto de encontros, gosto de despedidas – Há sempre
mulheres, algumas despidas

Não me atrai nas ondas
O modo magnético de nos prenderem o olhar.
Prefiro-o à solta pelas aldeias
É que tudo que há nelas me dá ideias
Mesmo um triste poço, mesmo um monte baço

Que obsessão é essa que nos atira às ondas?
De Camões a Pessoa
De Ruy Belo a Sophia
Há excesso de mar na nossa poesia
Sempre que nos fizemos ao largo
Foi para levar a guerra

Nem praia nem oceano
Solto o pano e iço velas para terra

*O mar que conheço é baço*

*... o olhar. Prefiro-o à solta pelas aldeias / É que tudo que há nelas me dá ideias*

**HORA DA REGA**

Desço ao nabal
vocifero com as lesmas
tão devagar que
ainda as mesmas
passo a mão no lombo
das lombardas
no veludo
dos vermes
na manta mole das minhocas

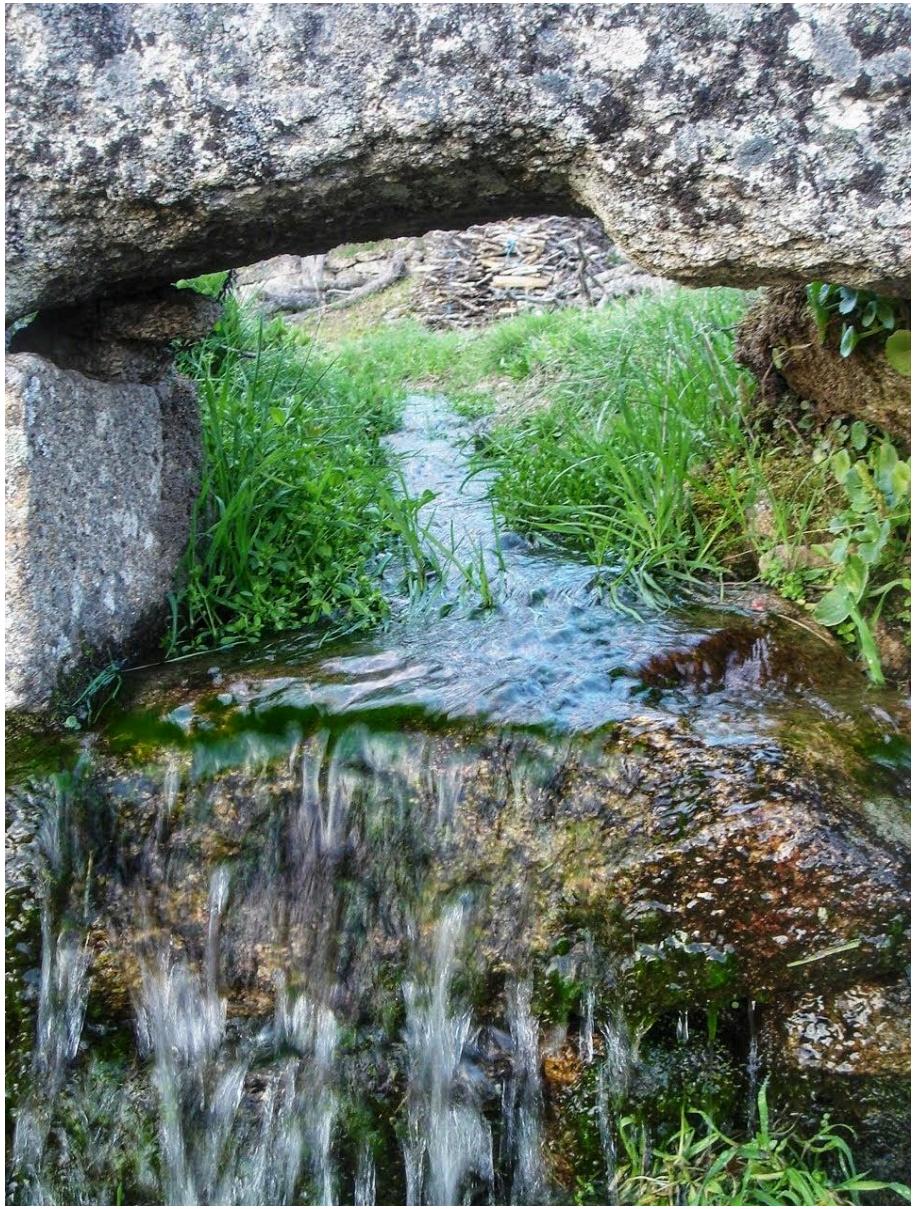
Subo o olhar à tangerineira
num ramo do topo
um pardal
passo a mão na pele
dos pêssegos
a vinha a perder
de vista
tanto bago a espreitar
das parreiras da cepa torta!

*... passo a mão no lombo / das lombardas ...*

*passo a mão na pele /dos pêssegos*

É hora da rega
golfadas de água
fogem do tanque e
descem vivas pelos regos
ensopam a terra
encharcam poças às macieiras
pequenas albufeiras
sobrevoadas pelo zunir elétrico
das libelinhas

E há folhas mortas
redemoinham às voltas
na enxurrada em miniatura
que invade os túneis
às toupeiras
a terra finalmente respira
como depois da chuva
arfa de alívio
e promete fartura!



*golfadas de água / fogem do tanque e / descem vivas pelos regos*

Tudo ali
me fala ao coração
mundos verdes onde circula a seiva
tudo ali
me vem à mão
num pulsar cardíaco
de vida que explode
Há-me clorofila nas veias e em cada
artéria há horta

*Tudo ali / me fala ao coração /mundos verdes onde circula a seiva*

**PLANTAS 1**

As plantas não gostam de sair da terra delas, disse ele
Não vemos plantas por aí a viajar feitas tontas, disse ela
Toda a planta obrigada a viajar por causa do capricho dos homens,
e principalmente das mulheres, se sente desenraizada, disse ele
As árvores gostam tanto da sua terra que preferem morrer de pé do que fugir da morte, disse ela
Quando queremos plantar uma pequena árvore para que cresça abrimos-lhe uma cova, disse ele
Quando queremos semear uma árvore enterramos-lhe a semente, disse ela
Ser enterrado para nascer e ir para a cova para crescer, concluiu ele
A terra é o lugar das raízes, continuou ela
A raiz é o ser mais perto da asa. A raiz voa por baixo e a asa voa por cima, disse ele
A asa enraíza o pássaro, a raiz é o voo da planta, disse ela
É por isso que nenhuma planta gosta de sair da sua terra, disse ele

*nenhuma planta gosta de sair da terra delas, disse ele*

*As árvores gostam tanto da sua terra que preferem morrer de pé do que fugir da morte, disse ela*

## DESIDÉRIO, O FILÓSOFO DO PLANALTO

Do banco de granito encostado à tasca, dominava o único cruzamento de ruas que havia na aldeia. Era um banco que era uma pedra talhada no granito em forma de paralelipipedo e ali tombada de dorso desde tempos imemoriais. Sentavam-se nela os homens quando o campo não os chamava e, se nos empoleirássemos, podíamos daí fazer degrau para montar a cavalo. Sentava-me com ares de estar distraído com o que se passava na rua, mas um observador atento logo veria que o verdadeiro fito não era esse, pois na rua, no cruzamento das duas únicas ruas da aldeia, não se passava nada. As galinhas, vagamente distraídas, vagamente entediadas, iam marcando o ritmo das horas, num vagar de andar por ali à espera de cumprir os dias. Em diagonal, cruzando o cruzamento das duas ruas um rego de água choca fazia o seu percurso, coalhado e impassível. Era nele que as galinhas mais se ocupavam, embora sem pressas, porque sabiam perfeitamente que ele nunca fugiria dali. As únicas vezes em que manifestavam sobressalto era quando algum automóvel se atravessava no marasmo da tarde - mas isso podia estar dias sem suceder. Era bom ser galinha naquelas paragens, lembro-me de pensar para mim enquanto disfarçava com paciência o verdadeiro móbil de estar ali quase quieto naquela pedra que era um banco.

- Bom dia, menino! Então que anda a fazer?

Era uma pergunta que se ia repetindo ao sabor de quem passava. Uma pergunta irritante porque não pretendia resposta - uma pergunta que nem era pergunta, era só as pessoas a dizer que iam ali. Qual

*Do banco de granito encostado à tasca, dominava o único cruzamento de ruas que havia na aldeia.*

*Era um banco que era uma pedra talhada no granito em forma de paralelipipedo e ali tombada de dorso desde tempos imemoriais*

*As galinhas, vagamente distraídas, vagamente entediadas, iam marcando o ritmo das horas, num vagar de andar por ali à espera de cumprir os dias.*

menino? Já tinha treze anos e sabia muito mais coisas do que aquela gente, que só tinha a quarta classe e passava a vida sempre na mesma vida, num ir e vir pelos mesmos perímetros e quase sempre na companhia de animais vagarosos.

De vez em quando, como num fogacho, uma cabeça assomava à janela duma casa a uns 25 metros do meu poiso granítico. Uma cabeça esplêndida, de cabelos negros e pele duma brancura próxima do desmaio - uma alvura contrastante com as raparigas de por ali, normalmente coradas e com a pele curtida pelo cieiro e pelos sóis a pino. A nobre cabeça assomava, espreitava com ares de rainha, passava como labareda pelo sítio onde me sentava e, sem reparar na minha ínfima existência, recolhia. A rua voltava ao seu torpor, enquanto eu procurava recobrar do efeito devastador da aparição. Creio que foram as primeiras vertigens sensuais da adolescência. Quieto, colado à parede da tasca, fingia impassibilidade e procurava certificar-me de que ninguém me surpreendera neste tumulto amoroso. As galinhas, de bicos atentos ao evoluir da água choca, denotavam então a normalidade de que precisava para provar a mim próprio que o mundo não registara o meu abalo. O tremor era só por dentro, apanhando-me o peito e a tranquilidade. Cá fora, o mundo seguia o seu rumo sem desorientações. A janela, epicentro daquele turbilhão nas minhas entranhas, estava de novo deserta, recomposta a paisagem da rutilante aparição da rainha.

Era assim que, terminado o almoço, corria para fora de casa e ia imediatamente postar-me naquele banco, pobre pedra onde provava que a espera é uma qualidade que se vai talhando no silêncio dos amantes. De pouco se alimenta o fio do tempo no vagar morno duma aldeia. Coagulado nos montes,

*A janela, epicentro daquele turbilhão nas minhas entranhas, estava de novo deserta*

filtra o seu ritmo de tal modo que tudo é espera de insecto ou passo de boi. Daí a brecha que se abria ao abrir da janela onde assomava aquela cabeça. O clímax deste festim erótico dava-se quando, na vertical da janela, vencendo uma soleira de granito polida e entortada pelos anos, a rainha saía para a rua e vinha ao fontanário buscar um caneco. À ida, ficava a vê-la equilibrá-lo na cabeça, sujeitando o corpo a um prumo que lhe desvanecia o modo ondulante de se mover. O passo fazia-se então passinho miúdo e o olhar ficava impedido de liberdades, aprisionado pela tensão do pescoço que aguentava o peso do caneco. Em qualquer outra mulher podia ser aquilo uma posição ridícula mas não na rainha, que por momentos, no trajecto entre o fontanário e a soleira, se fazia mulher da aldeia. Recolha da água à parte, tinha ar de quem estudava na cidade e só vinha a casa dos pais nas férias. Digo-o, porque exibia aquela pequena superioridade de quem já tinha saído do aperto da aldeia, que molda nas raparigas um ar serrano e um olhar de bicho espantado quando observam o forasteiro. Digo-o também porque tinha umas calças justas, pretas e justas, que lhe desenhavam a coxa e o flanco com a mesma nitidez das éguas que via aparelhar para irem para a feira. Era um tempo onde não havia ainda licras, esses sintéticos que se colam à natureza das formas dum modo tão sofisticado que lhes dão uma segunda natureza - ali, no esplendor recôndito da aldeia, a natureza apresentava-se sempre na sua forma primeira.

Desaparecida a silhueta da rainha, engolida pelas entranhas escuras que se acoitavam por trás da soleira tortuosa, era como se caísse o entardecer. As vozes dos homens, rolando do interior da tasca de encontro à nudez da rua, eram um fraseado de melopeia que tornava a tarde estúpida. De modo que fui, deste modo, aprendendo o tempo à maneira dos que foram talhados para sofrer com o amor: vendo a luz onde a via a ela, vendo o Inverno ao extinguir-se-lhe o vulto no mistério da casa para lá da soleira. O velho Desidério disse-me, por esses dias, que quem assim permite ao destino gerir o seu destino nunca pode sentir paz ou ser feliz.

Tenho a impressão de que esses dias, representando pouco no todo da minha existência, possuíam a intensidade dos momentos em que, parecendo que nada acontece, carregam na sua insignificância fulcrais revelações. Se assim não fosse, não explico como, passados tantos anos, as imagens dum mundo repleto continuam a visitar-me assiduamente. Na altura parecia-me aquilo um universo estreito, à espera que algum abanão do destino o acordasse dum encantamento paralisante. E hoje vejo como tudo era vida plena naquela quietude dos dias iguais, como tudo respirava no esplendor duma atmosfera diáfana saturada, a espaços, pelo cheiro quente à palha depois de humedecida pelos animais. Foi por uma dessas tardes de rebanhos que, ao dirigir-me à pedra para mais um turno de vigia à rainha, estaquei surpreendido. No centro do paralelepípedo ocupava-me o meu posto um velho. Voltei costas, desolado - mas, quando pensava bater em retirada, uma voz pregou-me ao chão:

- Tens medo dos velhos, ó miúdo?

Fitei o velho. Era realmente velho, duma velhice que não tinha idade, de tal modo que podia mesmo conter juventude.

- Ah, é o filho da senhora professora! Sente-se aqui, meu menino!

O velho reconhecera-me. Minha mãe tinha, alguns anos antes de eu nascer, sido professora na aldeia. O velho, obedecendo a um código antigo, passou do tu a um tratamento cerimonioso. Num instante de decisões difíceis, oscilei entre a fuga e o disfarce numa distracção absorta.

- Sente-se aqui, meu menino! - repetiu o velho. Como ao comando da voz do hipnotizador, dei dois passos maquinais e sentei-me. A sua voz tinha o mistério do veludo e, mascarada no meio do tom doce que utilizara, vinha-lhe no timbre toda uma autoridade a que era impensável resistir.

Pareciam-me às vezes infindos esses dias na aldeia. O tempo, coagulado pela estiagem de Agosto, arrastava-se a custo pelo dia fora. Os quinze, às vezes vinte dias, que ali passava tinham o comprimento das lentidões que o destino preparou para testar os homens. No silêncio electrizante do meio-dia, pode

*Pareciam-me às vezes infindos esses dias na aldeia. O tempo, coagulado pela estiagem de Agosto, arrastava-se a custo pelo dia fora.*

facilmente acreditar-se que o curso das coisas em nosso redor desistiu de si próprio - e tudo o que rasgue esse imobilismo tem de imediato o estatuto de notícia. Era assim que a vinda do correio, apesar de repetida diariamente com a pontualidade das coisas monótonas, tinha sobre aquela gente o efeito dum acontecimento. Ouvíamos o roncar da mota muito ao longe, ainda como um rasgão no conjunto dos sons esparsos em redor. E, à medida que se aproximava, ia ganhando realidade, penetrava na paisagem palpável e verosímil dos sons reais, até se revelar sem equívocos uma mota. O carteiro desligava o motor, punha a motoreta no descanso, operação que eu seguia atentamente meditando sobre o destino dos grãos de areia que ficavam por baixo da peça metálica do descanso - e tirava a corneta, chamando o povo para a distribuição. Lembro-me, agora ao longe, das mãos ansiosas que se estendiam para o epicentro do ajuntamento quando o carteiro, que não tirara o capacete, soletrava o nome mágico. Também eu tinha a minha vez: era quando, do monte das cartas, o homem do capacete destacava o meu jornal, dobrado e envolto numa cinta com o meu nome. Meu pai não desistia do *O Comércio do Porto* durante as férias e essa circunstância dava-me o pretexto perfeito para ficar a dois palmos da rainha, que por um momento descia às fraquezas dos humildes e não resistia ao chamamento do correio. Eis por que nunca mais esqueci o som daquela corneta, eis por que me sentia grato ao *O Comércio do Porto*.

Foi numa dessas vezes, depois de recolher o meu jornal e de verificar com desolação que ela não tinha comparecido àquela solenidade, que vi o velho Desidério sentado no paralelepípedo granítico. Desta vez não fugi. Olhei-o, mas não me viu. Estava totalmente alheado daquele cenário de cartas, daquele vozear engalfinhado nas novas da correspondência recebida. O seu mundo não era o das notícias do mundo: impassível, encostava-se à parede que fazia de encosto ao banco pronto para carregar com a lentidão de mais um dia. Fiquei ali parado, à espera de qualquer coisa que emanava do velho e que me era completamente indefinível. De repente, num gesto mínimo de cabeça, modificou o ângulo de visão e deu de caras comigo.

*Era assim que a vinda do correio ... tinha sobre aquela gente o efeito dum acontecimento.*

*O carteiro desligava o motor, punha a motoreta no descanso,*

- Olha o menino!

De dentro da tasca, uma voz chamou:

- Venha cá, menino!

Hesitei. De relance, espreitei a janela da rainha - e lá estava ela, ostentando uma magnífica cabeça que olhava a rua com mansidão. Nervoso, com a rainha a um lado e o velho majestoso a outro, fiquei sem capacidade de decisão sobre os meus pobres actos e refugiei-me na tasca.

- Isso, venha para aqui, deixe-se aqui estar ao pé de nós! - era o dono do estabelecimento quem me acolhia, exibindo um sorriso habituado à freguesia e limpando o tampo do balcão com a eficácia maquínica dos gestos que não são pensados.

- O Desidério é maluco. O menino não devia sentar-se à beira dele. É desmiolado - acompanhou a frase com o dedo indicador ocupado a desaparafusar a testa - Coitado!

Ao menos, o tasqueiro não reparara no meu embaraço ao ver a rainha na janela. Menos mal. Por essa altura, a volúpia de desejar a simples aparição duma rapariga deixava-me envergonhado, com o mal-estar de quem está a tentar conspirar com o pecado.

Nessa noite, perguntei a minha mãe quem era o Desidério. E fiquei boquiaberto perante o mundo que o relato da sua exótica existência abriu diante de mim.

Desidério vivia sem trabalhar, era uma espécie de filósofo que meditabundeava durante longos passeios pelos matagais em redor do povoado, nunca se lhe conhecera mulher. Habitava na companhia dum burro cego e o seu abrigo era um forno de cozer pão, abandonado desde que os padeiros vinham vender o pão nas suas carrinhas, chegados quase diariamente de várias vilas dos concelhos limítrofes.

Preguiçoso, arredio, sem nunca constituir família, filósofo lunático - eis, em poucas palavras, o resumo de que minha mãe foi capaz, aproveitando a quase fábula para me fazer ver as fronteiras da sensatez e

da normalidade, com as inevitáveis consequências daninhas para quem decidia navegar ao largo das convenções dos homens.
- É um infeliz! - rematou, com um ar que transparecia comiseração verdadeira.
Nos dias seguintes fui meditando em todos os pormenores daquela história. Fazia-o metade por curiosidade genuína e metade como modo de preencher aquele tempo parado das tardes abrasadas de Agosto, inventado unicamente para gáudio das moscas. Começou então a crescer em mim uma espécie de aventura de Verão que quebrasse a meio a gelatina da monotonia: penetrar na casa de Desidério. Viver num forno de cozer pão? Morar num sítio abandonado, ainda por cima na companhia dum burro cego? Isso era demais para o modo como eu imaginava a vida das pessoas, mesmo das mais extravagantes. A minha timidez, que por vezes me incomodava como um ferrão porque me fazia incapaz de ousar, sentiu-se desafiada. Uma volúpia semelhante à que me assaltava durante as aparições da rainha da calça justa, uma excitação quase insuportável, preparou-me para a façanha: e se fosse espreitar a casa de Desidério?

Os dias continuaram a sua marcha em câmara-lenta, entre caminhadas matinais às hortas de por ali e sestas pesadas e térreas nos baixios da casa, das quais despertava a custo de encontro à luz da tarde e ao zumbido do mosquedo. Matava o resto do dia em pequenas distracções que tinham o condão de me enfadar, andando de cá para lá a chutar calhaus, olhando andorinhas nos voos rasantes quando o ar já refrescava ou acocorado na borda do tanque do quintal a meditar no voo de helicóptero das libelinhas. Uma das poucas coisas que tinha a capacidade de me envolver com mais entusiasmo era a agonia dos gafanhotos que amaravam diretamente na superfície esverdeada da água. Interrogava-me sobre a bondade que poderia exercer se os salvasse do afogamento. E, sempre com os olhos postos na agonia insuportável do animal, suportava-a com uma espécie de filosofia que ainda hoje conservo, e que é a da

*... aquele tempo parado das tardes abrasadas de Agosto, ...*

ideia de que não devo interferir no curso dos fenómenos naturais, mesmo quando nos aparecem violentos ou absurdos. Este preceito existencial colidia, no entanto, com a necessidade de se ser solidário, o que era incongruente com o meu ideário político em gestação. Por exemplo, não devíamos intervir no curso dum incêndio, que também é um fenómeno natural? Podem parecer questões menores, mas eram fundamentais ao delineamento do meu espírito, ocupado por essa altura em encontrar um sentido para o mundo.

Quando voltei a ver Desidério sentado no seu posto pareceu-me outra pessoa. O seu ar de velho que já não tem vontade de lutar com o tempo era exactamente o mesmo, os meus olhos é que haviam mudado. O seu chapéu, de abas mais largas do que as em uso, remendado e com uma poeira esbranquiçada que já se incorporara definitivamente ao tecido, pareceu-me agora um aventureiro chapéu de cow-boy das pradarias; o seu semblante, onde não havia crispação nem alegria, onde não transparecia dor nem entusiasmo mas apenas uma evidência nítida e neutra do existir, pareceu-me o dum filósofo grego; o seu isolamento, feito do modo como os seus conterrâneos passavam por ele sem darem por isso, pareceu-me o da independência dos bravos. E cada dia o fui espiando vendo-o sempre com este filtro, que o fazia misterioso e grande, animal livre em terra de carneiros.

A coragem que via nele deu-me coragem a mim e passei a frequentar o seu banco, acumulando a vantagem de dali vigiar perfeitamente as aparições sempre imprevistas da rainha. Que fantástico banco este, o duma pedra paralelepipédica ao comprido como um entreposto para a intrepidez dum marginal e para a beleza duma diva - que bem arrumado me parecia assim o mundo na simplicidade romântica dos meus treze anos!

Fundos diálogos ali se foram travando, olhados de soslaio por quem passava. Contou-me Desidério o mundo do seu existir simples, pautado pela máxima de não pedir aos dias mais do que estes lhe quisessem dar e de nunca pedir aos homens o que quer que fosse: nem trabalho, que era a escravidão do

corpo, nem companhia forçada, que era a escravidão da alma. Avisaram minha mãe destes encontros, e chamou-me ela a atenção ao notar o meu fascínio pelo velho:

- Nunca ninguém fez bom dele - avisou, com o tom sisudo da abelha-operária perante a sornice da cigarra. - Aqui nunca faltou trabalho, nas alturas de aperto até os aleijados pegam na enxada. Pois a ele... Ninguém fez bom dele!

Ainda tentei argumentar:

- Ele é diferente...Vê a vida doutra maneira... Se não estivesse aqui metido...

- Se não estivesse aqui metido, onde há sempre na horta uma cesta de tomates e umas poucas de batatas à mão de semear, tinha sido um pedinte! - advertiu minha mãe com aquele tom definitivo que encerrava os diálogos.

la para dizer que talvez tivesse sido filósofo, mas contive-me. Por essa altura, era-me um pouco vago o que fosse um filósofo, exceptuando a evidência de ter de ser alguém que, fruto do poder do pensamento e das convicções, tinha a coragem de viver de acordo com as leis que ele próprio ia cinzelando por entre a granítica estupidez humana. Ora, o despojamento de Desidério parecia-me a prova duma atitude heróica que convinha às minhas inquietações. E as suas ideias, pronunciadas em frases simples mas certeiras, pareciam-me o brutal desvelar duma outra concepção da vida - a revolução que pressentia confusamente ter de acontecer ao fio morno dos meus dias.

Lembro dessas conversas a doçura com que falava sem quase precisar de gestos, transparecendo uma fineza de trato muito diferente da dos outros homens da aldeia. E era ele que vivia com um burro cego num forno de cozer pão! Dir-se-ia possuir uma educação superior, apreendida nos silêncios vastos daqueles espaços geológicos, uma educação meditada nos encontros com fragas e sobreirais e mantida intocada pela distância prudente a que se colocara das gentes daquelas paragens.

*... viver de acordo com as leis que ele próprio ia cinzelando por entre a granítica estupidez humana.*

Parecia-me impossível explicar tudo isto a minha mãe, tinha planos bastante firmes acerca do que deve ser o devir das pessoas decentes. Tudo em meu redor, tudo aquilo, a tasca, a pascacez bovina dos bovinos, a hora asfixiante do meio-dia, a aflição dos gafanhotos náufragos mas principalmente a pequenez dos homens comuns naquela aldeia perdida, a boçalidade dos seus risos de vinho, a roupa de domingo que as mulheres vestiam ao domingo tudo me pareceu apertado e triste. Era como se coisas e homens ali participassem dum destino infalível, sem desvio ou opção, num rodar dos dias indiferente à sucessão das gerações. Ali as pessoas passavam mas o tempo permanecia, insensível ao facto das almas serem únicas.

Empurrei a porta a medo, espreitei para dentro. Só havia o escuro. Forcei mais a porta, duma madeira de castanho secular, carcomida pelo tempo e descaída nas dobradiças. Rangeu, entrei. Os olhos começavam a habituar-se à penumbra e procuraram a fonte de luz: o telhado, com um fio de claridade baça a entrar pelas frinchas próprias aos tectos de telha vã. Um vasto leque de teias de aranha, de vários tamanhos e espessuras, fazia de cortina àquela luz já de si coada. Estavam ali há muito, eram a morada de aranhas tranquilas e o pó que aprisionavam na malha mostrava com eloquência como ali o vagar do tempo se desenvolvia sem obstáculos. Desci os olhos pelas paredes de granito nu, até pousarem numa banca de pedra. Era ali que as mulheres assentavam as masseiras de madeira onde batiam a farinha. Era também o lugar do repouso do pão, enquanto levedava em cru e enquanto fumegava depois de sair do forno. Numa das extremidades da banca, uma depressão escavada na rocha - a pedra era tão primitiva que dir-se-ia ainda ali estar a rocha - estava cheia de líquido. Aproximei-me. No fundo da sua transparência viscosa jazia uma pasta de azeitonas esmagadas. Era então aquela a almotolia de Desidério!

*... a roupa de domingo que as mulheres vestiam ao domingo ...*

*... a porta, duma madeira de castanho secular, carcomida pelo tempo e descaída nas dobradiças.*

*Um vasto leque de teias de aranha, de vários tamanhos e espessuras, ...*

Imaginei o que seria viver ali sozinho. Desceu então sobre mim o hálito frio do medo: as noites intermináveis de Inverno, com o ladrar dos cães a cortar silêncios e o vento no telhado. Como se resiste às noites, como se consegue manter a serenidade e resistir ao temor que infunde a plenitude cósmica que irradia dos céus? E viajei pelo espanto das noites de estio, quando passeava depois do jantar pela mão de meu pai no meio do grito dos insectos na terra ainda quente. Notando, no meio da limpidez de breu do firmamento, aquele manto leitoso que o cortava pelo centro, perguntava-lhe o que era. E ele dizia-me um nome que me fazia estremecer:

- É a Estrada de Santiago.

Uma estrada em pleno céu, bordada da escuridão dos poços, escancarada em direcção ao infinito. E os insectos, sempre os insectos, enchendo a noite.

Ao fundo da casa, a uns oitenta centímetros do chão, lá estava ela: a porta do forno. E dentro, ocupando o espaço apertado duma fornalha, o quarto de Desidério. Senti um abismo de espanto a abrir-se, perante os sinais daquela vida insólita, tão perto da aldeia e tão longe dos homens. Fantasiei a liberdade e a coragem que, sem precisarem de palavras, eram a marca soberba da existência de Desidério. Eremitas, marginais, visionários seres que eu ainda não sabia nomear mas de que intuía o destino e a vocação. E tudo aquilo fez um sentido imenso, um sentido desmesurado que encheu a minha adolescência de súbitos ímpetos de enfrentar o mundo. Desidério, o filósofo por lapidar, o auto-irradiado da vulgaridade dos homens: eis como um velho do planalto transmontano, perdido nos confins e por mim achado num forno, me aparecia como a prova de que outros caminhos eram possíveis.

Regressei ao centro do povoado como Adão depois de ter provado a maçã. Os homens e as mulheres que foram desfilando diante de mim enquanto esperava sentado no banco nova aparição da rainha, pareceram-me agora atarracados, presos a um atavismo do fundo dos tempos, arqueados por

*... como se consegue manter a serenidade e resistir ao temor que infunde a plenitude cósmica que irradia dos céus?*

penumbras e servidões. Era por isso que os animais eram incomodativos: a sua infinita igualdade a si próprios, incapazes da surpresa, arrastando as tardes no seu passo vagaroso, eram o espelho insuportável das criaturas humanas. A própria rainha - e se não passasse duma menina caprichosa, muito senhora da suas roupas justas e do seu peito feito à medida dos prazeres larvares? À luz da fórmula filosófica que a casa de Desidério me tinha revelado, até o desejo me pareceu um instinto posto no nosso caminho para nos agrilhoar a uma vida pequenina.
A casa de Desidério, imensa na sua pequenez, percorrida por chamamentos na mudez granítica das suas paredes. Tudo ali me pareceram revelações duma porta que se abriu para uma outra dimensão, a começar pela minha ousadia de penetrar um lugar privado, escancarando a intimidade duma existência singular surpreendida no seu repouso. Saí dela como entrara: sub-repticiamente. Mas agora invadido dum silêncio repleto, dum silêncio de claustros que fazia ressoar os meus passos ao esmagarem o areão grosso do caminho de regresso. Declinava o dia. De longe, o antigo forno não passava dum pardieiro perdido no fumo do fim da tarde, quando as lareiras se acendiam para a ceia e o cheiro das giestas e do carvalho em brasa se soltava pelas ruas.

No ano seguinte voltei à aldeia. Os primeiros sinais de reconhecimento mostravam o quanto ali o passar dos dias era uma ilusão dos sentidos. O rego de água choca não se movera um milímetro da sua diagonal que escavava a rua, as galinhas picavam-lhe o mosto esverdeado com a mesma meticulosidade, da tasca vinha o mesmo fundo de vozes. À hora do incêndio solar das três da tarde os mesmos insectos entravam em agonia ao constatar a natureza líquida daquele verde em que aterravam e as libelinhas, por sobre os seus corpos espernejantes, assemelhavam helicópteros da emergência médica acometidos de indiferença. Parecia-me ali a natureza tão torpe como no caminhar alienado dos bois, incapazes de se libertarem do jugo dos homens pelo fio dos séculos. De modo que tudo ali permanecia

*O rego de água choca não se movera um milímetro da sua diagonal que escavava a rua,*

como eu o deixara um ano antes, num imobilismo de tela que fosse pintada para demonstrar o carácter geológico do tempo e a fixidez de tudo quanto só na aparência se move.

Só no dia seguinte, ao reassumir o meu posto de observação no banco paralelepipédico encostado à parede da tasca, pude perceber que haviam mudado as duas únicas coisas que eu precisava que tivessem permanecido: a rainha não viera ainda a férias e Desidério já não vivia no forno na companhia do seu inseparável asno cego. A rainha optara por passar as férias na apanha do morango na Suíça, um gesto muito louvado pela facção que considerava que, apesar dos seus ares um pouco petulantes, era um modelo de comportamento ao ajudar deste modo a economia da família. A facção maledicente, por sua vez, via na incursão helvética um pretexto para aventuras perigosas duma menina que já não cabia na aldeia. E ali estava a janela, o peitoril onde há um ano aflorava o seu busto chamando como um íman pelo meu olhar - ali estava a janela num abandono exasperante, marcando a primeira desilusão amorosa da minha adolescência.

À noite perguntei a minha mãe por Desidério.

- Ainda te lembras dele? - perguntou.

Não percebera, portanto, nada do que se passara nas férias anteriores. Nem tinha sabido, naturalmente, da minha visita à socapa a casa do velho, que teria considerado indigna a vários títulos.

No dia seguinte tive de me sujeitar a enfrentar a minha timidez e, aproveitando uma ida à tasca, que também era mercearia, a mando de minha mãe, inquiri a custo:

- O senhor Desidério já não vem sentar-se aqui na rua?

O tasqueiro, que nesse momento era merceeiro ao passar-me para a mão um pau de sabão macaco, limpou o balcão naquele tique e com o pano que já lhe vira um ano antes e, com um riso de dente

*... ali estava a janela num abandono exasperante ...*

amarelados do sarro, informou-me do sucedido. Foi rápido e pouco adjectivante, como o locutor dum boletim oficial:

- Já não vive lá em baixo, no forno. O burro morreu, o burro cego, sabe?, e ele no Inverno teve febres muito altas e quase lhe ia acontecendo como ao burro. Fomos lá tirá-lo e o povo obrigou-o a ir para casa da irmã.

- Obrigou-o? - perguntei, impressionado com o desti- no brusco de Desidério.

- Não queria ir. O menino sabe como são os malucos...

- Ele não era maluco - ripostei, com o vigor envergonhado de que fui capaz.

O tasqueiro sorriu, condescendendo com a minha ingenuidade. O seu riso era amarelo, dum amarelo físico, real como o musgo, e parecia afivelado dum modo permanente.

- Era um pobre de Cristo. Até dava pena, ali sozinho... Ao menos a irmã agora olha por ele.

- Ele tinha uma irmã?

- Tinha, sim, menino.

O sabão macaco estava-me esquecido nas mãos. Eles não sabiam, então, nada do que era essencial em Desidério. Não sabiam da sua liberdade radical, do modo como se apropriara do seu destino recusando o carreiro estreito daquelas almas trucidadas pelo planalto.

A aldeia, aquela aldeia encravada numa roda dentada do mundo, abateu-se nesse momento sobre si própria, como num tremendo terramoto. Não ficou pedra sobre pedra e tudo a meus olhos, homens e animais e tardes intermináveis, tanger de sinos a chamar para o terço e pastores com seus cães tristes a reentrar já noite caída - tudo ali me pareceu absurdo e desnecessário como uma gravura dum livro de história. Queria fugir dali, libertar-me do marfim amarelento da dentadura do tasqueiro, pontapear uma daquelas galinhas que passavam o dia a regalar-se com trampa.

*A aldeia, aquela aldeia encravada numa roda dentada do mundo, ...*

*... e pastores com seus cães tristes a reentrar já noite caída...*

Que espécie de irmã seria a de Desidério? Como conseguiria mudar agora tão subitamente de modo de vida? Estas perguntas não tardaram a ter resposta. Chegou da rua, como tudo quanto na aldeia dizia respeito à vida dos outros. E trouxe-o a minha mãe, que fazia questão de não se misturar na coscuvilhice dos locais mas que não tinha forças para impedir as contínuas interpelações que lhe faziam quando a apanhavam à mercê - de modo que vir à rua para ela era uma espécie de ronda pelas várias pessoas do tempo em que ali vivera, funcionando como uma prova de que o mundo avança sem sair do sítio. Foi assim que fiquei a saber que agora sim, agora Desidério já tinha uma vida como a da outra gente, o que era inequivocamente uma coisa boa, dado o ar de satisfação com que minha mãe o disse. E que já comia todos os dias, e tinha comida a horas e andava com camisas que, agora sim, agora podiam ver-se, e já não andava por aí a rondar sobreirais meditabudeando sem eira nem beira. A irmã, asseada e trabalhadeira, com uma casa onde se podia comer no chão, tomara a peito a custódia daquele vadio, não abdicando de mão de ferro para o trazer aos costumes da gente.

Aí na aldeia dizem que é tão dura que nenhum homem a quis. O certo é que só com um pulso como o dela é que aquele perdido podia voltar a ter um viver como o da outra gente.

- Então está como o animal bravio preso na gaiola... arrisquei.

- És muito miúdo para perceber estas coisas - sentenciou minha mãe, continuando a dissertar sem olhar para mim sobre a ortopedia moral operada com êxito rutilante sobre aquela criatura rebelde e inútil.

- É só pena que já não tenha idade para trabalhar - rematou - Da maneira que ela é, ainda fazia dele um lavrador a sério!

O milagre da salvação continuou a ser desfiado, agora com pormenores ornamentais trazidos pela língua comprida da mulher do caseiro, que se incorporara de mansinho na conversa. Saí dali com um ataque de fúria adolescente, daquela que nos faz nessa idade crer firmemente que o nosso mundo não vai ser aquele. Refugiei-me no meu posto, encostado à tasca, na esperança ainda viva de ver aparecer

Desidério. Mas nem Desidério nem a rainha, que tardava em regressar dos morangos. Apenas as galinhas no rego, bicando mostos fecais e dando pequenas corridas que me pareciam ataques de loucura até que o velho filósofo me explicou serem elas a fugir das rajadas de vento, posto que as aves de capoeira tinham a faculdade de ver tão invisível fenómeno.

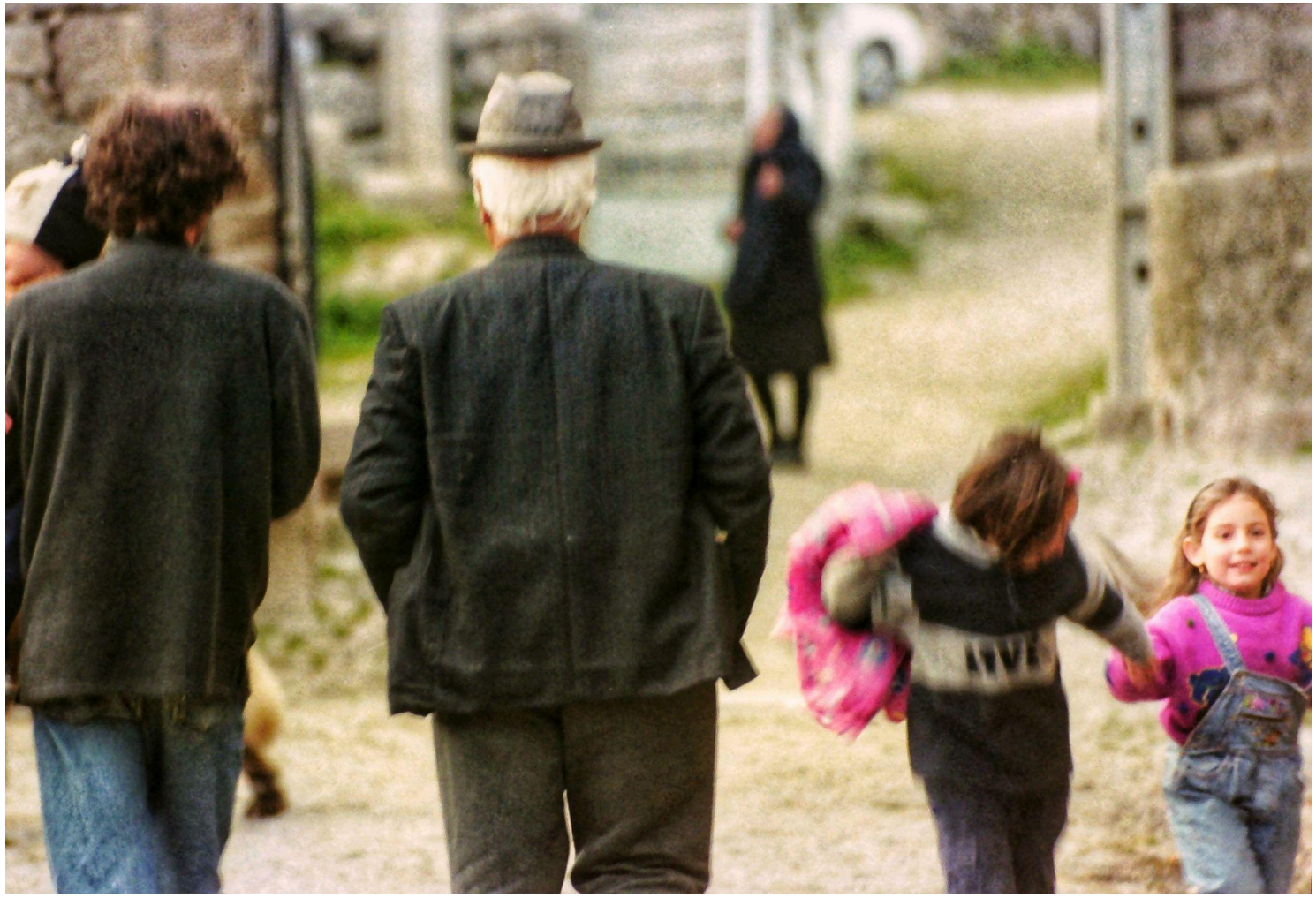
Comecei a ir com mais regularidade à aldeia quando completei quinze anos. Vi então a face dura do Inverno, quando era necessário fazer rápidas deslocações de fim-de-semana para deixar combinadas lavras, podas, adubagens, limpeza de moitas. Minha mãe fez-me saber da importância de ir registando a sequência das principais manobras que a regular manutenção dum cultivo de minifúndio exigia e comecei a acompanhar o caseiro, que me iniciou na arte cifrada de saber reconhecer os marcos que delimitam os terrenos de cada um. Descobri assim uma complicada espacialidade que só se revelava aos entendidos e muitas vezes me questionei, num incauto raciocínio citadino, sobre o porquê de não dividirem tudo com muros, acabando com aquela geografia insondável que era incapaz de fixar dumas vezes para as outras. Foram tempos de revelações, em que todo aquele mundo que me parecera tão rude se foi desdobrando em subtilezas. Com o passar dos anos, viria a parecer-me luminoso e transbordante de equilíbrios plenos, ali postos e ainda intocados como as mesas dum festim à nossa espera.

Foi numa dessas idas fora do estio. Maio, talvez.

Os campos em redor da aldeia estavam repletos de pássaros e por todo o lado onde a vista pousasse estendia-se a mesma colcha verde. Andei por esses dias surpreendido com o modo como a natureza se apresentava com um humor tão diferente daquele que lhe conhecia nas férias de Agosto, de tal modo juvenil que parecia impossível ir dali a pouco tempo acontecer a chegada dum sol que afogueava a terra, submetendo-a e entregando-lhe o silêncio espantado ao rasgão das cigarras e dos ralos. Fui com o caseiro para uma terra que tínhamos a meia-hora de casa. Abílio era um homem nos seus sessenta anos,

*Vi então a face dura do Inverno ...*

*... na arte cifrada de saber reconhecer os marcos que delimitam os terrenos ....*



*Abílio era um homem nos seus sessenta anos, de cabelos completamente brancos ...*

*... por todo o lado onde a vista pousasse estendia-se a mesma colcha verde.*

de cabelos completamente brancos, farta barriga que enchia diariamente com a litragem de tinto à medida daquele volume e músculos conservados pelo manejo da charrua. A sua fama de homem equilibrado, de frases conciliadoras e com um sentido de justiça inabalável tinha feito dele o regedor do lugar, cargo que ia reiteradamente ocupando com a tranquilidade de quem não necessitava de intervir, tal era a pacatez dos seus conterrâneos.

Entretinha-me eu nesse fim de manhã a observar os gestos mecânicos de Abílio, que pareciam formar um só corpo com a enxada, terminando as suas extremidades humanas em pás metálicas, polidas e gastas de tanto esgadanharem a terra. Preparava-me para iniciar mais uma meditação sobre o vagar de que pareciam acometi- das ali as gentes, quando notei, ao longe, uma silhueta.

- Vem aí alguém, sr. Abílio.

Ele interrompeu a cadência da enxada e, apoiando nela ambas as mãos em posição de repouso, firmou a vista.

- Parece o Desidério!

Agora era nítido que o indivíduo vinha na nossa direcção.

- É o Desidério - confirmou, com voz decidida, Abílio - Que bicho lhe mordeu para vir tão longe saber de mim? Desidério chegou ao pé de nós num passo tranquilo, sem denotar na respiração nem a caminhada nem a idade. Pareceu não dar por mim, porque fixou de imediato os olhos nos olhos de Abílio.

- Prende-me! - Abílio fitou-o sem compreender. - Prende-me! - repetiu Desidério sem levantar a voz. - Bô! Você está maluco? - gracejou Abílio, sorrindo a todo o comprimento do rosto e aliviando o chapéu da testa.

- Prende-me, já te disse. Não és o regedor?

- Beba mas é uma pinga. - respondeu Abílio, estendendo-lhe a ingoreta que, aproveitando a pausa, tinha começado a emborcar.
Desidério fez um ar duma certa impaciência e, desta vez, levantou a voz, arrancando um rugido cavo que desentranhou do peito:
- Prende-me, caralho! Matei a minha irmã!

Ao chegar às primeiras casas da aldeia já começava a ouvir-se o burburinho. À medida que avançávamos as vozes foram-se fazendo nítidas, por fim perceptíveis.
Ao chegarmos ao centro, formado pelo único cruzamento das duas únicas ruas, algumas mulheres, ao verem Abílio, soltaram guinchos de animal pré-histórico. As galinhas, espavoridas com o inusitado movimento, tinham abandonado o rego da água choca. Na tasca não tinha ficado ninguém: toda a gente se despejara na rua, toda a gente de todas as casas e, não tardaria, das casas das aldeias vizinhas. Os mais miúdos, não discernindo a natureza da altercação, redobraram na força com que se pensavam bicicletas e motorizadas, correndo e buzinando pelo meio do engarrafamento inesperado.
Abílio rompeu alas, seguido por Desidério e por mim. E, no nosso encalço, as vozes meio em surdina, como quem espalha a notícia duma heresia, repetiam «É ele! É ele!»
Desidério tinha-se tornado, num pestanejar, num ser sobrenatural. Todos o olhavam, todos repetiam a evidência «é ele!», como se de súbito aquele personagem que toda a vida habitara no vácuo agora revelasse uma presença brutal. Ninguém ousou interpelá-lo, ninguém lhe cortou o passo, ninguém lhe tocou: limitaram-se a observar a nossa passagem como se estivessem a assistir a uma procissão - e, como nas procissões, incorporaram-se atrás de nós, formando um cortejo rumorejante. Assim fomos até à casa da irmã de Desidério. Aí, as vizinhas mais próximas rebentaram numa gritaria pungente, rodeando Abílio e procurando ganhar a dianteira na evocação da descoberta macabra. A precedência sobre o

achado parecia, portanto, ser um pormenor importante: o assassinato tinha afinal o poder de distribuir protagonismos muito para lá da pessoa do assassino, como se encarregariam de provar as semanas seguintes, em que várias pessoas foram, sucessivamente, as primeiras a dar com o cadáver prostrado de borco sobre as brasas da lareira.

Na sucessão confusa dos acontecimentos ninguém deu pelo facto de eu, praticamente criança ainda, ter entrado na casa do crime colado à sombra de Abílio. A minha timidez tinha ficado no campo onde se havia dado a confissão e, desde esse momento, fui agido pela mesma força que me acometera no dia em que vi Desidério sentado no banco onde eu me preparava para montar guarda à rainha. Era uma força semelhante, suponho, às que movem os indivíduos hipnotizados: via e ouvia, tudo era intenso e veloz, mas movia-me dum modo automático e exterior a mim.

Franqueada a soleira, esbarrámos com a semi-obscuridade. O aposento de entrada era sala e cozinha em simultâneo. Durante uns segundos, os nossos olhos ocuparam-se a expulsar a luz excessiva que traziam da rua. E, de repente, a morta assaltou-nos com a força dos factos aterradores: o corpo em decúbito dorsal, como que adormecido na laje da lareira; a saia, duma estopa grossa, levantara num dos lados, deixando espreitar uma coxa muito alva, dum branco leitoso que não via sol há muitos anos; a cabeça, quase seccionada ao nível do pescoço, jazia sobre as brasas, que haviam transformado o sangue abundante em sarrabulho. O machado ficara ali, solidário com a sua obra, ostentando a frieza que separa a vida da morte.

De repente, lembrámo-nos de Desidério. Abílio procurou-o com o olhar. A pesquisa era fácil, na exiguidade do aposento, que agora me parecia desmedidamente ocupado por aquela mulher descabeçada. Viemos cá para fora - de Desidério, nem rasto. Tinha-se evaporado na confusão do ajuntamento, esgueirando-se por entre a correria das crianças e a gritaria das carpideiras, que já afinavam as gargantas para a função de chorar a defunta.

*Na sucessão confusa dos acontecimentos ...*

Nos dias seguintes, a polícia vasculhou as redondezas. Ninguém vira Desidério, ninguém sabia dar relação dele. Sentenciaram os que o conheciam de toda a vida que, vadio como era, sabia como ninguém vales e montes, caminhos e atalhos, covas e abrigos. Abílio, no seu ar ponderado e, em ocasiões graves, um pouco retórico, pronunciou o seu juízo:

- Já está como quer. Matou o carcereiro e anda outra vez à solta como um pássaro.

Sentado no meu posto, ouvia as vozes vindas da tasca levantando hipóteses sobre o paradeiro do assassino, sobre o seu carácter indomesticável, sobre a sua neces- sidade de errância. Desidério voltou a parecer-me grande, ali falado na pequenez daquelas conversas. Seria encontrado dois meses mais tarde, numa azenha abandonada na margem dum ribeiro pedregoso. A descoberta foi casual, durante uma operação da GNR no encalço de caçadores furtivos. Não ofereceu resistência, não pareceu espantado, confuso ou arrependido. Limitou-se a explicar que matara a irmã porque não se podia viver com ela e que o fizera com um único golpe de machado, quando esta se baixava sobre o lume para mexer o caldo que fervia na panela.

*Seria encontrado dois meses mais tarde, numa azenha abandonada na margem dum ribeiro pedregoso.*

**ENIGMAS DA NATUREZA – a mosca**

A mosca tem que se lhe diga. Vou, por isso, dizer. Quero demarcar-me do modo pejorativo como nos referimos a ela. Fomos ao teatro, a peça era má, os espectadores foram saindo - até que a sala ficou às moscas; diz-se nalgumas regiões do país de alguém que amua que ficou com a mosca; e da pessoa passiva e desinteressante que é uma mosca morta. Em contrapartida, não nos importávamos de ser mosca para entrar despercebidos em certas conversas que queremos coscuvilhar. Enfim, temos sujeitado a mosca a uma discriminação intolerável. Ela tem direito à sua identidade, inclusive de género – por que dizemos sempre a mosca? E o mosco? Fica socialmente invisibilizado, reduzido a um anónimo da História?

Pois bem: é preciso afirmar que a mosca se revestiu de grande importância tanto para a ciência como para a poesia. Na ciência, a *drosófila melanogaster* – que é só a mosca vulgar, mas na ciência nada se chama como no vulgo – foi decisiva para a descoberta das leis da genética. Porquê a mosca?, perguntarão. Porque as moscas se reproduzem como moscas, possibilitando a recolha de dados sobre várias gerações num curto espaço de tempo. Quanto à poesia, foi a quadra

Uma mosca sem valor
Pousa com a mesma alegria
Na careca dum doutor
Como em qualquer porcaria

que me pôs a ler o grande António Aleixo. Mas há que reconhecer que assume bem maior dimensão literária no protopoema da serra d'Arga, de António Pedro, em que cada mendigo tinha direito a um enxame de moscas. Também a mim ela me tem inspirado. Termino com um apontamento poético em que o trágico espreita este injustiçado inseto:

Uma mosca que voa
Ziguezagueia, ninguém a apanha
Ao longe uma teia
E a paciência da aranha

**AS RAPARIGAS DA ALDEIA**

Tenho sonhado às vezes
com as coradas raparigas da aldeia
trazem um leve cheiro à palha
e preenchem-me a necessidade de mamas abundantes.
Convidam-me
mesmo quando olham para o chão
Tenho a impressão
de que fodem como animais antigos: na lentidão de enormes carapaças
Num fragor de pedras
cravando espinhos ao rebolar
Preferem a luz turva
do fim do dia
retornam ao povoado discretas
na companhia dos bois
e um botão a menos na blusa
Gosto das raparigas da aldeia.
Aos domingos de manhã
varrem o lar e dão lustro às panelas
de tarde andam em ranchos
dão gritinhos, fogem para o mato
Quem me dera pôr-me nelas!

*Tenho sonhado às vezes / com as coradas raparigas da aldeia / trazem um leve cheiro à palha*

**DEIXÊMO-LAS PASSAR AS VACAS**

As vacas ao irem para o bebedouro
deslocam-se em linha reta até depararem efetivamente com o
bebedouro

Antes disso
ninguém as detém

senão exatamente antes daquilo que lá foram fazer

e se não beberem
aguardarão com paciência divina
o regresso de outros pardais

É que é pelo fim da tarde que vêm estorninhos toutinegras e pardais
e é através deste processo que as vacas se inteiram

da necessidade de se deslocarem
até depararem efetivamente com o bebedouro
antes disso, já sabemos, ninguém as detém

O que me agrada nas vacas

é o pouco tempo que perdem a pensar nos homens
é isso que fundamentalmente me agrada nas vacas

agrada-me logo a seguir à linha reta
que traçam quando as toutinegras decidem que
é hora de matar a sede

Ninguém as detém,
nem aos pardais e de resto se assim não fosse
não haveria orquestra
para compor o fim de tarde

nem nada.

Antes mesmo das sete badaladas
e tudo
antes das velhas de xaile. Dirigem-se à igreja
efetuando um éssse no sentido de evitarem
o galope denso de linha reta dos animais
impelidos pelo recital de fim de tarde dos estorninhos

e é então vê-los numa linha a direito,
simples, insistente, direcional

numa caminhada sem diagonal ou atalho

até depararem efetivamente com a nitidez do bebedouro